



HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

VOL. IX

CONTOS E POEMAS

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

SELO CONEXÃO LITERATURA



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-75729-2
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

GOTEJAR VISCOSO, POR ANDRÉ NERI TOMIATE, PÁG. 05
O MARTELO DOS PESADELOS, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 10
CATRINA, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 15
DIA DE LOS MUERTOS, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 18
LLORONA, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 20
O CAMINHO APÓS A MORTE, POR DULCINÉA DA ROCHA, PÁG. 23
O MAL E SUAS ARTIMANHAS, POR DULCINÉA DA ROCHA, PÁG. 25
A CASA ASSOMBRADA, POR DULCINÉA DA ROCHA, PÁG. 28
A CELA, POR FÁBIO PORTELA, PÁG. 31
ROSA ASSASSINA, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 35
O GUARDIÃO DA PEDRA ENFEITIÇADA, POR IVAN FERREIRA SILVA VIEIRA, PÁG. 38
O METRÔ ASSOMBRADO, POR IVAN FERREIRA SILVA VIEIRA, PÁG. 41
A MORTE E O FAZENDEIRO, POR IVAN FERREIRA SILVA VIEIRA, PÁG. 43
UM VILAREJO PACATO, POR JOSÉ OSEAS MOTA, PÁG. 46
O MONSTRO DA PRAÇA, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 51
O RIO DO TOCO, POR OARISTOS, PÁG. 53
O SHOPPING DOS SUICIDAS, POR OARISTOS, PÁG. 58
EM QUE POSSO AJUDAR?, POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS, PÁG. 63
LABORATÓRIO 7, POR PAULO LÜTKENHAUS, PÁG. 67
O CAFÉ DAS SOMBRAS, POR R.BOTTER, PÁG. 72
O TEATRO DA MENTE, POR RAFAEL ALBUQUERQUE, PÁG. 77
O FANTASMA DA BARONESA, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 81
PORTAIS DA NOITE - ASSOMBRAÇÕES DE BELÉM, POR ROSA DA TERRA, PÁG. 86
BRUXAS QUE PERDURAM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 89
PÂNICO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 91
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 94

HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

VOL. IX

CONTOS E POEMAS

**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**

SELO CONEXÃO LITERATURA



APRESENTAMOS O CONTO GOTEJAR VISCOSO

POR ANDRÉ NERI TOMIATE

André Neri Tomiate é paulistano, mestre em ciências biológicas e biólogo pela Universidade Estadual Paulista. Interessado por ciências, cultura pop e divulgação científica. Ocasionalmente se aventura como escritor amador.

A aula acabou tarde. Pelas janelas do laboratório era possível ver o sol se pondo e a luz se esvaindo. Ainda precisaria de alguns minutos para organizar tudo antes de ir embora. Desliguei o projetor, e tudo se apagou, um breu tomou conta da sala que estava com as cortinas fechadas. Caminhei entre as cadeiras enfileiradas até encontrar o interruptor.

Ao acender a luz, vi o trabalho que me aguardava: coletar os braços e pernas que estavam expostos para a aula do dia. Não é todo professor que tem contato com cadáveres, então, um laboratório de anatomia humana tem algumas especificidades. As peças são guardadas em uma sala anexa de preparação, e uma a uma retornei-as ao seu recipiente correto. O cansaço da aula, combinado com o calor de usar o jaleco, pesava sobre mim.

Peguei braço por braço e levei até a cuba com glicerina na sala de preparação, depois foi a vez das pernas. Perna por perna, carreguei com as duas mãos, estas cobertas por luvas já de cor amarelada em decorrência do contato do talco com o suor. O caminho entre as mesas e a sala de preparação era de poucos metros, mas as idas e vindas já me faziam escorrer um pouco de suor. Com o punho do jaleco do braço esquerdo sequei minha testa, afinal, minhas mãos estavam cobertas de glicerina, um líquido viscoso e de coloração amarelada.

As mesas em que as peças cadavéricas estavam apresentam inclinação no tampo e um furo no meio, funcionam como ralo, permitem o escoamento de líquidos para um balde localizado imediatamente abaixo. Uma mistura de fluidos e pequenos fragmentos dos cadáveres descia lentamente pelo buraco central. O gotejar viscoso e contínuo no balde, que já estava com um líquido opaco e espesso, era o único som que quebrava o silêncio da sala. Eu me abaixei para pegar o balde e preparei para arrastá-lo até a pia, nesse momento a minha lombar parecia alertar que permanecer tantas horas em pé não é nada agradável.

Retornei para o laboratório, caminhei lentamente até a mesa próxima ao projetor. A dor na lombar combinada ao suor por conta do calor me incomodava tanto que já estava pensando em quão agradável seria um banho quente. Meus pensamentos foram subitamente cortados por um toque seco na janela, forte suficiente para meu coração se sobressaltar. Logo em seguida esse toque se repetiu, e resolvi me aproximar

vagarosamente da janela. Puxei um pouco a cortina, e do outro lado do vidro, um sabiá. De repente, ele voou para longe, mas o som do bico no vidro ficou ecoando dentro da minha cabeça. Peguei minha bolsa, apaguei as luzes, tranquei as portas e saí pela sala de preparações como de costume, sem pensar muito no que acabara de acontecer.

A aula acabou tarde. Pelas janelas do laboratório, eu via o sol se pondo e a luz se esvaindo, mas uma sensação estranha já me acompanhava desde o início da tarde. A cabeça doía, uma pontada aguda atrás dos olhos. Aquele som de bico na janela ainda parecia ecoar. A rotina era a mesma: desliguei o projetor, a escuridão dominou a sala com as cortinas fechadas. Caminhei entre as cadeiras enfileiradas até o interruptor, mas dessa vez não acendi.

Acender a luz não ajudaria, a luminosidade parecia cortar a minha vista como uma faca. O trabalho era o mesmo, mas dessa vez eram os cérebros, que seriam guardados em caixas com formol. O cheiro do formol parecia mais forte que o normal, entrando pelas minhas narinas e queimando todo o caminho do ar até os meus pulmões. Os olhos também ardiam, lacrimejavam, e a dor de cabeça se intensificava a cada passo que eu dava em direção às mesas. O cansaço da aula e o calor do jaleco pesavam sobre mim.

Eu já sentia o gosto amargo na boca. A bile subia pela garganta. Saí da sala principal e me arrastei pelo corredor que levava ao banheiro, uma área diametralmente oposta à sala de preparações. O suor frio escorria pela minha testa. A enxaqueca latejava, parecia que meu crânio ia se partir. Não consegui chegar a tempo. Me ajoelhei perto da pia e vomitei. Quando levantei, olhei para o espelho e as veias em meu rosto pareciam prestes a explodir, os olhos estavam avermelhados, as mãos, ainda de luvas, com o amarelado de sempre, voltei para o laboratório.

A escuridão parecia mais espessa agora. Recolhi rapidamente os cérebros. Enquanto isso, o gotejamento no balde, que antes era um som lento e monótono, agora se tornou intenso e rápido, um ritmo descompassado, uma batida que parecia sincronizada com a minha dor de cabeça, o líquido fluía rapidamente. Peguei a minha bolsa e olhei fixamente para a janela em que na semana anterior a ave bicara. Nada aconteceu. Caminhei lentamente e saí pela sala de preparações. Dessa vez, mais que um banho, um analgésico seria necessário.

A aula acabou tarde. Pelas janelas do laboratório, era possível ver o sol se pondo e a luz se esvaindo. A rotina era a mesma. Desliguei o projetor, e a escuridão tomou conta

da sala que estava com as cortinas fechadas. Caminhei entre as cadeiras enfileiradas até o interruptor. Dessa vez, línguas, estômagos e intestinos me aguardavam nas mesas.

A glicerina escorria vagarosamente pelas superfícies de metal. Comecei a recolher as peças uma a uma com bandejas, o som metálico do aço chocando-se contra a bandeja ecoava no silêncio da sala. Eu as guardava em suas respectivas caixas, sentindo a textura escorregadia das vísceras embebidas em glicerina. O trabalho parecia não ter fim.

Quando terminei, apaguei todas as luzes, o laboratório mergulhou em uma escuridão total. Andei vagarosamente até a sala de preparações. Fechei a porta e, ao virar o rosto, de relance vi um jovem. Ele estava sentado no chão, com uma perna esticada e a outra dobrada, vestindo roupas surradas, descalço. Parecia descansar após um longo dia de trabalho pesado, o braço apoiado na perna dobrada de forma relaxada e natural.

A imagem me fez cambalear. Fechei os olhos por um segundo, e quando os abri, a figura já não estava mais lá. No lugar, uma cadeira universitária, daquelas com mesa contígua. A cadeira estava ligeiramente virada. Antes mesmo de meu coração voltar a bater, eu já estava na porta de saída da sala de preparações. Ao me virar para trancar a porta, no reflexo no vidro da janela, vi-o de novo. Não era uma pessoa, mas uma sombra. Uma sombra esguia, que apenas se moveu e acenou para mim, lentamente, com uma das mãos. Não há descanso ou analgésico que me tire essa imagem da cabeça.

A aula acabou tarde. Desliguei o projetor e a escuridão tomou conta da sala. Vagarosamente caminhei entre as cadeiras dos alunos e acendi o interruptor. O gotejar viscoso da glicerina no balde cortava o silêncio. Encarei a cortina por alguns segundos. Entrei na sala de preparação e olhei para a cadeira na mesma posição que da semana anterior, peguei as bandejas para recolher os rins e bexigas, materiais dessa aula.

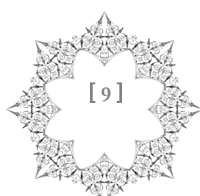
Os bonecos anatômicos posicionados em um balcão no fundo da sala estavam desmontados, dessa vez não bastaria guardar o material, também era necessário colocar os órgãos artificiais nos seus devidos lugares. Após guardar as peças cadavéricas e passar o álcool nas mesas, fui encontrar os pulmões, coração, fígado, estômago e intestinos dos respectivos bonecos. Um a um coloquei de volta. Lá fora ventava forte e era possível ouvir o bambuzal assobiando com o vento.

Guardei o computador, peguei a mochila e, ao pisar na sala de preparações, um baque seco chamou a atenção. O antebraço do esqueleto didático se soltou. Retornei para

a sala, forcei o antebraço de volta à sua articulação e torci para que não voltasse a cair. Olhei ao meu redor, respirei fundo na procura de algum outro problema que poderia surgir e lembrei que não havia apagado as luzes. Andei até o interruptor, bati nele e vagarosamente entrei na sala de preparações.

Pronto para sair, o som do vento lá fora, que uivava fraco, era a única coisa que quebrava o silêncio do laboratório. Ao abrir a porta, um vulto voou de repente, passou por mim em uma velocidade impossível de acompanhar. Foi tão perto que pude sentir o deslocamento de ar. Um chilreado agudo e metálico cortou o ar. Eu paralisei, o coração batia forte.

Acompanhada pela ventania, uma leve garoa começou a cair. O som de cada gota batendo no telhado e nas janelas era frio e constante. O som da chuva era oco, vazio, sem vida. Saí do laboratório e tranquei. Tirar o morcego de dentro do laboratório seria trabalho de outra pessoa. O gotejar úmido da garoa me seguiu para casa.





APRESENTAMOS O CONTO O MARTELO DOS PESADELOS

POR BRUNO NASCIMENTO COELHO

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasiliense, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.

O sono veio para o Inquisidor Silas não como um bálsamo, mas como um predador. A dança das chamas que consumiram a última alma ainda crepitava em suas retinas, e o cheiro enjoativo de gordura humana e cabelo queimado agarrava-se à sua garganta como um pecado confessado. Ele não queria dormir, mas seu corpo, um traidor de carne e osso, o arrastou para a escuridão.

No sonho, a mulher da fogueira o esperava. Não como uma aparição, mas como uma presença real e febril. Seus olhos não continham mais terror, mas a calma aterradora de quem viu o outro lado e o achou preferível. A pele de seu rosto, antes enegrecida pelo fogo, agora se desfazia em cinzas finas, revelando por baixo uma carne que brilhava com a luz interna de brasas. Seus lábios rachados moveram-se, e a profecia saiu não como um sussurro, mas como o som de vidro se quebrando dentro da mente de Silas: *"Iudica, qui per ignem iudicasti, per igne iudicaberis."* (Julga tu que julgaste pelo fogo, pelo fogo serás julgado.)

Silas acordou com um espasmo, o gosto de cinzas na boca. O coração era um martelo batendo contra a bigorna de suas costelas. A razão, sua armadura contra o sobrenatural, parecia frágil, enferrujada. Para silenciar o eco da profecia, ele arrancou uma tábua solta do assoalho e buscou a garrafa de vinho. O líquido desceu, mas não trouxe alívio, apenas um torpor pesado que o puxou de volta para o mesmo abismo.

Desta vez, não houve transição. O chão de madeira do seu quarto *tornou-se* a laje de pedra fria e úmida de uma cripta. O ar não era mais de seu quarto, mas um miasma espesso de mofo, carne apodrecida e desespero antigo. Correntes, vivas com uma ferrugem que parecia respirar, brotaram da pedra e se enrolaram em seus pulsos e tornozelos, a frieza delas queimando sua pele.

No centro da câmara, o horror tomou forma. Cinco estrados de pedra, e sobre eles, os corpos das mulheres que ele condenara. Mas não eram espectros. Eram construções grotescas de carne em rebelião.

Elas se ergueram. O movimento não era o de um corpo, mas o de uma colônia de vermes movendo um cadáver. Um som úmido e nauseante de ossos se partindo e se refazendo preencheu a cripta. Seus olhares, vazios mas cheios de propósito, fixaram-se nele.

O julgamento começou, e a primeira bruxa, **Magda, a Escriba das Chagas**, deu um passo à frente. Sua pele era um pergaminho translúcido esticado sobre um mofo pulsante, e de seus dedos gotejava uma tinta escura e oleosa. Ela ergueu o "Malleus Maleficarum", mas o livro estava diferente: a capa era de pele humana costurada com tendões, e o título estava marcado a ferro. Ao abri-lo, as páginas, amareladas e manchadas, não continham texto, mas um relevo de cicatrizes vivas que se contorciam. "Leia suas obras", a voz de Magda sibilou, o som de unhas arranhando pedra. Forçado por uma vontade que não era a sua, Silas leu. E ao fazê-lo, sentiu cada ferida descrita no livro florescer em sua própria carne. As chagas abertas, os vergões do chicote, as marcas das pinças. Ele não via, ele *era* o texto.

A segunda, **Elara, a Desmembrada**, moveu-se em seguida. Partes de seu corpo eram mantidas juntas por arames farpados e pregos enferrujados, e a cada passo, um de seus membros se desprendia com um estalo úmido, apenas para ser recolocado em uma posição antinatural. Ela arrastou o potro de tortura, o mecanismo gemendo como uma alma perdida. Quando Silas foi esticado sobre ele, Elara sorriu, um rasgo em sua face decomposta. "Um corpo é um mapa de dor", ela gorgolejou, girando a manivela. "Deixe-me mostrar os territórios que você descobriu." Silas sentiu seus ligamentos se desfazerem, as articulações se deslocando com estalos audíveis que ecoavam os movimentos da própria Elara. A dor era uma geometria impossível, dobrando seu corpo em ângulos que a vida não permitia.

Então veio **Lyra, a Cinzenta**. Seu corpo era uma estátua de cinzas e brasas, o cabelo uma fumaça negra que dançava lentamente. O calor que irradiava dela não era o de um fogo vivo, mas o calor morto e sufocante de um incêndio extinto. Em suas mãos, as tenazes brilhavam com uma luz alaranjada. "Você amava o calor do seu deus", a voz de Lyra era o crepitar da madeira. "Sinta o calor da nossa verdade." O ferro tocou sua pele. Não houve apenas a dor da queimadura, mas uma transformação. Sua carne não apenas queimou; ela se tornou cinza, desfazendo-se ao toque, e o cheiro era o de sua própria alma sendo cozida.

A quarta, **Cassia, a Murmurante**, permaneceu nas sombras. Seu rosto era uma colmeia de buracos dos quais escapavam sussurros incessantes. Ela não o tocou. Em vez disso, seus murmúrios deslizaram para dentro dos ouvidos de Silas, carregando os nomes esquecidos: os filhos das mulheres que ele queimou, os maridos que enlouqueceram, as

colheitas que apodreceram por falta de mãos para cuidar. Cada sussurro era um fantasma, uma vida destruída como dano colateral de sua "justiça". O tormento não era físico, mas existencial, o peso de cem vidas esmagando sua sanidade.

Por fim, a mulher da primeira fogueira, a que proferiu a profecia, deu um passo à frente. **Seraphina, a Profetisa do Fogo.** Ela era a mais completa e a mais terrível. A carne de seu rosto se recompunha e se desfazia em chamas silenciosas, em um ciclo perpétuo de destruição e renascimento. Ela não disse nada. Apenas estendeu a mão, os dedos feitos de luz incandescente, e tocou a testa de Silas.

O mundo explodiu.

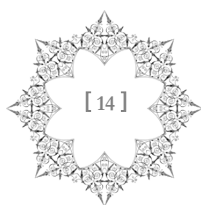
Silas acordou gritando, o som rasgando sua própria garganta. Estava em seu quarto, o sol da manhã uma faca em seus olhos. Banho de suor frio, o corpo tremendo. Um pesadelo. Apenas um pesadelo. Ele se levantou, cambaleando, e seu reflexo no espelho de água da bacia o fez congelar. Na sua testa, brilhando em um tom avermelhado doentio, havia a marca de cinco dedos queimados na pele. Ele correu para a garrafa de vinho, precisando de qualquer coisa para apagar aquela imagem. Arrancou-a de sob o assoalho e a virou na boca, desesperado. Mas o que saiu não foi vinho. Foi um líquido espesso, salgado e quente, com gosto de sangue e ferrugem. Ele o cuspiu, horrorizado, vendo a mancha escura no chão se contorcer como algo vivo.

Os dias que se seguiram foram a materialização do inferno. A marca em sua testa latejava com uma dor fria. Sua pele começou a exibir vergões e pústulas que imitavam as cicatrizes do livro de Magda. Suas articulações estalavam a cada movimento, um eco da tortura de Elara. Às vezes, ao se tocar, sua pele parecia se desfazer em uma poeira cinzenta, e o cheiro de fumaça, o legado de Lyra, o seguia por toda parte. E os sussurros de Cassia eram seus companheiros constantes, um coro de miséria em sua mente.

Ele se trancou, um prisioneiro em seus próprios aposentos, mas a cripta estava com ele. O mundo exterior deixou de existir. Seu corpo era sua nova câmara de tortura. A profecia de Seraphina não era sobre um julgamento futuro. O julgamento já havia ocorrido. Esta era a sentença.

Na última noite, ao olhar seu reflexo distorcido em um crucifixo de prata, ele não viu mais o Inquisidor Silas. Viu uma tapeçaria de horrores: a pele marcada, os olhos fundos, um corpo que era um mapa da dor que ele infligira. O fogo não viria de uma fogueira

externa. Ele já queimava por dentro, um fogo frio e eterno que consumia sua carne e sua alma, transformando-o lentamente no sexto monumento de sua própria crueldade, um Martelo de Pesadelos feito de carne. A profecia se cumprira. Ele era, agora e para sempre, o fogo.





APRESENTAMOS O POEMA CATRINA

POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

se os ossos quebram
não há chapéu
que possa ocultar.

acenda velas
queime incensos
traga flores.

se os ossos quebram
não há sombrinha
que possa disfarçar.

acenda velas
queime incensos
traga rosas.

se os ossos quebram
se os ossos quebram
se os ossos quebram.

quanta fé há
em nosso próprio lar
quanta fé resta
dentro de nós.

se os ossos quebram
se os ossos quebram
se os ossos quebram.

a cara pintada
a coroa de flores
o sorriso largo -

nada disso
há de quebrar
mas:

se os ossos quebram
um dia, debaixo da cama,
as formigas hão de juntar.





APRESENTAMOS O POEMA DÍA DE LOS MUERTOS

POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

dizem *cruzes*

dizem *credo*

— mas quem é vivo
sempre aparece.

morto!

vivo!

vivo!

morto!

(morto!)

valei-me Deus

cruz-credo Ave Maria

— quem vive de passado
é museu.

vivo!

morto!

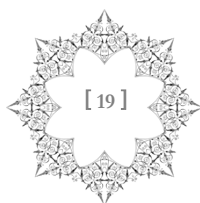
morto!

vivo!

(vivo!)

memento no momento

— *abracadabra:*
quem é fênix
sempre volta!





APRESENTAMOS O POEMA LLORONA

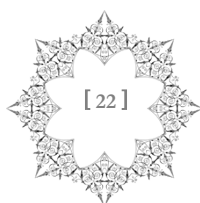
POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

rios
chorados
rios
mergulhados
tantos iguais
tantos diferentes
rios
derramados
rios
correntes
rios
claros
rios
escuros
rios
retos
rios
curvos
rios
que secam
rios
que inundam
passado
presente
rios
e rios
com
e sem
curso
rasos
e fundos
rios

e mais
rios
com brejos
ou pântanos
rios
em quedas
com nomes
e sobrenomes
mas
que diferença faz...

a água nunca é
a mesma.





APRESENTAMOS O CONTO O CAMINHO APÓS A MORTE

POR DULCINÉA DA ROCHA

Dulcinéa, mineira da pequena cidade de Cruzília, sul de Minas Gerais. É professora, ama inventar e contar histórias. Desde sua infância tem a leitura como fonte de inspiração e lazer.

Contar histórias de amor de pessoas comuns é sua paixão. Pois, pessoas simples também podem viver uma grande história de amor.

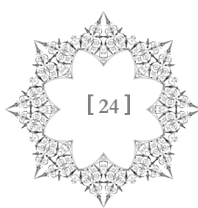
Tem participação em três coletâneas de contos e dois livros solo de contos, sendo um para jovens e adultos e outro infantil. mais catorze livros de romance.

Estava num lugar escuro, andando numa estrada cercado de árvores. Andando para não sei onde junto com muitas outras pessoas. Essas, usavam manto com capuz, que no breu da noite, independentemente da cor, era apenas vultos. Eu tinha medo, mas não um medo de ferir a carne, mas um medo diferente, mesmo estando no meio de uma multidão, podia até reconhecer pessoas conhecidas, mas me sentia completamente sozinha.

Nessa caminhada, ia eu, pensando como poderia ser diferente se tivesse tomado outras decisões, feito coisas para minha edificação. Outras vezes estava eu num lugar cheio de sinos pretos., e tinha que ir pulando de um para o outro, pois eles se movimentavam, e para não cair de cima do que eu estava, tinha que pular ou escalar para outro. Havia um medo dentro de mim em estar entre aqueles sinos. Medo oriundo de altura, pois lembrei que sempre tive medo de altura. Mesmo apavorada, eu concordava que aquele ritual de pular de um sino para outro era necessário, e que chegaria um tempo que aquilo iria acabar. Havia momentos que eu via uma mulher que aparecia vestida com uma capa. Sua presença trazia paz e conforto, não sei se para outras pessoas, mas para mim sua presença trazia esperança.

Houve um lugar que era tipo uma casa, de chão batido, na entrada. E lá estavam pessoas conhecidas e desconhecidas. Fiquei alegre quando vi meu pai, mas ele se me reconheceu não disse nada, pareciam despreocupados em estar ali, uns em pé, outros sentados, outros andando de um lado para outro. Entrei em outra porta, local que havia muitas pessoas, virei e vi uma escada, subi. Lá havia um casal, pude apenas ver a cozinha. Estava muito limpa, organizada. Ela fazia café, Ele chegou e sentaram-se a mesa e tomaram café na xicara. Ela sempre olhando pela janela, semblante fechado, distante. Fiquei impressionada com os arranjos de flores simples e singelos em cima do armário e do fogão.

Em outra sala, pode -se dizer, havia uma música, esta trazia paz, muita paz; tudo desaparecia, e a leveza, a paz me fazia flutuar, sem medo, sem pensamentos. Ali, eu senti Deus. Sim, estava no aconchego, sobre o olhar DELE, mesmo não O vendo. Apesar de saber que estava viva o tempo todo, e que aquilo só podia ser o que passaria após a morte, acordei com medo, muito medo de ter que passar por aquilo e prometi a Ele que faria tudo para poder estar naquela sala com Ele, somente Ele.





APRESENTAMOS O CONTO O MAL E SUAS ARTIMANHAS

POR DULCINÉA DA ROCHA

Dulcinéa, mineira da pequena cidade de Cruzília, sul de Minas Gerais. É professora, ama inventar e contar histórias. Desde sua infância tem a leitura como fonte de inspiração e lazer.

Contar histórias de amor de pessoas comuns é sua paixão. Pois, pessoas simples também podem viver uma grande história de amor.

Tem participação em três coletâneas de contos e dois livros solo de contos, sendo um para jovens e adultos e outro infantil. mais catorze livros de romance.

Meu avô contava que no lugar onde ele vivia quando jovem, vivia também um casal recém casados.

Eles moravam na zona rural. As casas eram distantes umas das outras. A família da moça morava longe deles. E assim ela sentia-se muito sozinha durante o dia. Naquela época as pessoas não tinham acesso à televisão e mesmo o rádio não eram todos que dispunham desse meio de comunicação.

Ela então pediu que ele arrumasse um gato para que fizesse companhia a ela. Ele indo para o trabalho de madrugada, escutou um miado no meio do mato. Ele arrepiou na mesma hora, porém como sua esposa tinha pedido um gato, essa era a oportunidade.

Levou-o para o trabalho e a tarde ao chegar com felino nos braços sua mulher ficou radiante. E daquele dia para frente ela passou a cuidar dele como um filho. O que levou o marido a ficar em segundo plano, e veio causar brigas e mais brigas dentro de casa.

Passado uns meses. O marido querendo apaziguar a situação chegou em casa e pediu para darem uma trégua, pois essa situação estava trazendo tristeza para os dois e propôs que engravidassem, o filho traria harmonia novamente para casa.

Por um tempo a paz voltou a reinar. Ela arrumava a casa, fazia comidas gostosas, saíam finais de semana para pescar ou participarem de festividades nas comunidades por perto.

Porém, o mal não dá trégua. O gato começou a choramingar todos os dias, logo que o homem chegava em casa. Ele dava leite, e o gato parava. Isso com o passar dos dias irritou o dono da casa. E com a esposa foi reclamar. “ Como podemos ter um filho, se nem de um gato você cuida direito” Isso causou uma mágoa grande nela. Ela fazia de tudo para as coisas darem certo e ele era ríspido com ela. E as coisas dentro de casa começaram a ficar difícil novamente.

Antes do marido chegar ela deu bastante leite para o gato, deixou o jantar pronto. E resolveu tirar um cochilo até o marido chegar.

Ele chegou e viu a casa toda fechada e resolveu chegar devagarinho para assuntar o que estava ocorrendo. Ao chegar o ouvido perto da janela ouviu sussurros, gemidos. Ele possesso de raiva e ciúmes chutou a porta e entrou porta adentro. Ela assustada com o barulho levantou apavorada e desarrumada.

— Cadê ele? — Perguntou o marido furioso.

— Ele quem? O que você está querendo entrando assim desse jeito?

— Eu sei o que ouvi.

E procurando pela casa toda, nada achando foi se acalmando. Ele ao olhar para o gato sentiu arrepio, e parecia que o gato gostava daquela situação. Com raiva deu um chute no felino. O gato ao invés de ficar bravo, veio miando e subindo na sua perna. E depois ficou miando e olhando para vasilha de leite. A fúria que parecia controlada, submergiu novamente. E sua esposa ainda tentou explicar que já havia leite na tigela quando resolveu tirar uma soneca.

O gato ao ver que a briga recomeçou pôs-se a rodopiar e pular de alegria.

Ela triste com o rumo que as coisas estavam tomando, resolveu soltar o gato bem longe dali. Pois desde que ele chegara, as coisas desandaram e nada mais dava certo. Ao voltar para casa encontrou um homem à beira da estrada, como ela andara chorando, o homem perguntou se precisava de ajuda. Ela ao narrar-lhe os acontecimentos, ele compreendeu o que de fato trouxe a discórdia para dentro do lar.

— Vai em paz, minha filha. Comeces a rezar e abençoar o seu lar. Você e seu marido deve rezar sem cessar, e juntos vão vencer a tempestade.

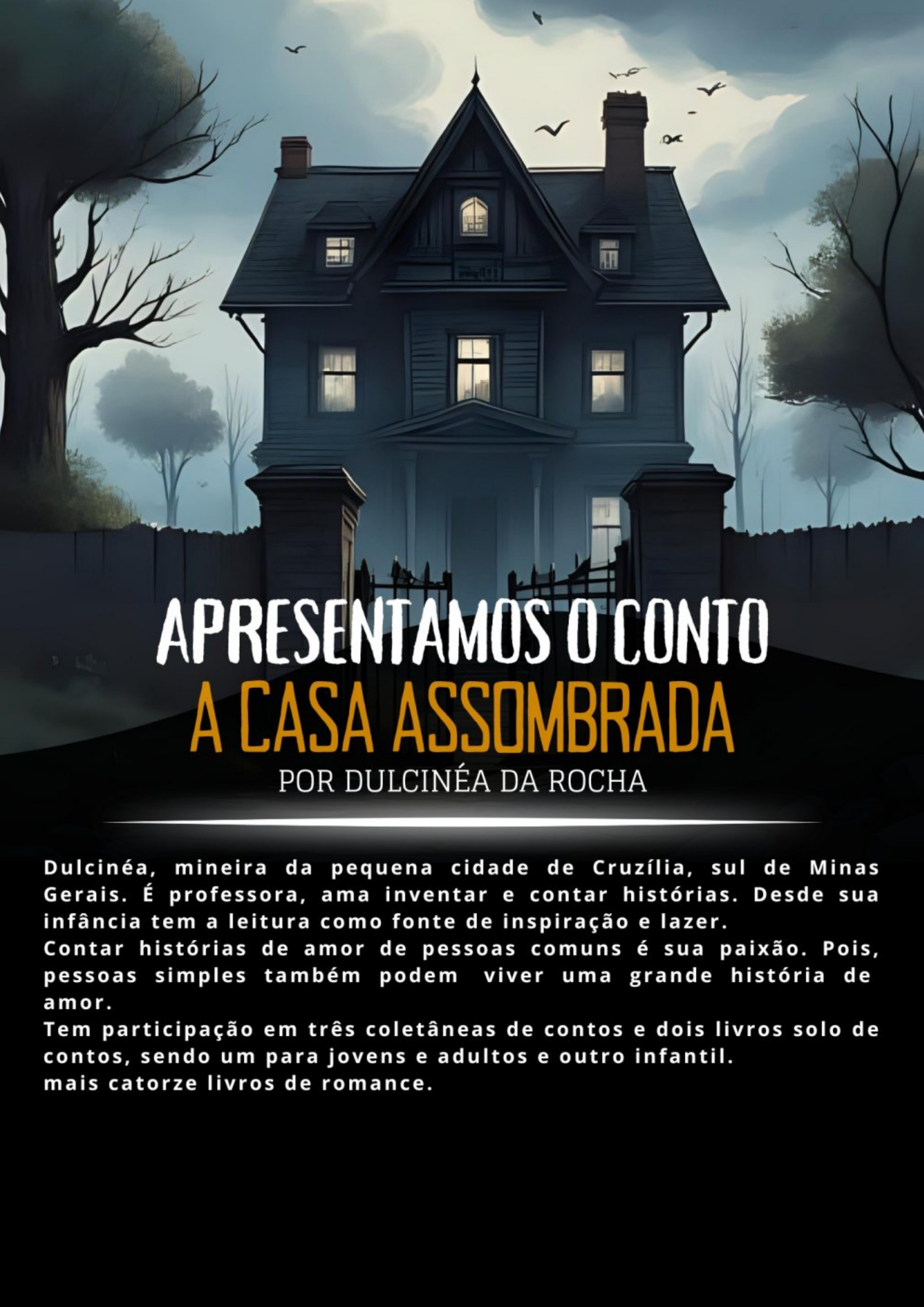
Ela foi para casa mais aliviada. E quando seu esposo chegou, antes de contar o que velho disse-lhe, o gato apareceu com a patinha quebrada, miando e choramingando.

Ela começou a orar e pedir a Deus que a verdade fosse revelada.

O homem ao dar o leite para o bichano, notou que ele tinha um ar de satisfação, a mesma do outro dia, ao ver os dois brigando. Então um chute ele desferiu contra aquele ardiloso. O que se sucedeu foi de um espanto porque o gato ao ser chutado se transformou numa sombra horrenda que sumiu entre as árvores do lugar.

Eles apavorados entenderam que o gato trazia desarmonia dentro do lar. E a oração foi o alimento diário de suas almas. E o filho sonhado chegou como benção dos céus. E nunca mais viu aquele falacioso que tanto desamor quis implantar no coração daquele jovem casal.





APRESENTAMOS O CONTO A CASA ASSOMBRADA

POR DULCINÉA DA ROCHA

Dulcinéa, mineira da pequena cidade de Cruzília, sul de Minas Gerais. É professora, ama inventar e contar histórias. Desde sua infância tem a leitura como fonte de inspiração e lazer.

Contar histórias de amor de pessoas comuns é sua paixão. Pois, pessoas simples também podem viver uma grande história de amor.

Tem participação em três coletâneas de contos e dois livros solo de contos, sendo um para jovens e adultos e outro infantil. mais catorze livros de romance.

Estava andando numa rua silenciosa, ouvia apenas o creck, creck das folhas esmagadas pelos meus passos. Um vento gélido batia em minha face.

Caminhava despreocupado, até que, outras folhas esmagadas escutei. Andei mais rápido. E os passos atrás também aceleraram. Olhei em todas as direções e nada vi. Meu temor aumentou. Corri. Alguém também correu.

Uma casa avistei. Escondi atrás do portão que estava entreaberto. Nada mais ouvi. Meu coração voltou ao ritmo normal. Olhei de novo na rua e vi uma sombra. O medo que sumira, voltara. Entrei na casa que parecia não ter ninguém.

Bati na porta, esperei minutos, mas parecia horas. Ninguém saiu. Então entrei. A porta rangeu. Estava escuro e um feixe de luz entrava pelas frestas da janela que eram de madeiras envelhecidas pelo tempo.

Mexi na tramela, e devagarinho a abri. Fui surpreendida por um vento forte, um redemoinho se formou no quintal. Fechei a janela e tive um mal pressentimento.

Fiquei quietinho, encostado na parede. Só ouvia as batidas do meu coração. Passando um tempo, fui até a cozinha, onde a claridade entrava pelo basculante que estava empoeirado. Olhei pelo vidro quebrado e nada lá fora. A porta da sala rangeu. Minhas pernas amoleceram. Lembrei que a deixei aberta. Agachei no chão e fui andando quase engatinhando para que não fosse visto pela claridade que vinha da cozinha.

Cheguei na sala e a escuridão era completa. Pois a porta havia sido fechada. E agora pensei, estou em apuros. Fui rumo à porta, esbarrei em algo que caiu e fez um barulhão. Soltei um grito de pavor. Levantei e corri para a porta. Tropecei ou fui calçado e cai de cara no chão. Não tinha forças mais para levantar. Fui me arrastando sem direção, encontrei algo no caminho e tentei me apoiar para ergue-me. Um grito horrendo ouvi e escutei um corpo caindo ao chão, não aguentei, urinei nas calças.

A porta foi escancarada, e vi apenas um par de botas entrando, um cheiro de colônia misturado ao cheiro de fumo de rolo incendiou o local. Assombração não usa perfume e creio que não fuma pensei comigo. Porém, fiquei apavorado, alguém me seguia e com certeza iria me ver ali estirado no chão. Estava perdido de qualquer maneira, antes era o medo de almas do outro mundo, agora as almas vivas também estavam atrás de mim. Desmaiei.

Acordei com alguém batendo em meu rosto e me chamando pelo nome. As almas me conheciam, portanto fiquei de olhos fechados até uma outra alma me chamar pelo nome. Essa voz eu conhecia, era Jussara. Abri os olhos.

— O que faz aqui Jussara?

— Eu que pergunto, o que faz aqui, Manuel?

— Eu? Eu estava me escondendo, havia alguém me perseguindo.

— Conta a verdade, quando viu que era eu que estava atrás de você, se escondeu aqui, ou já havia marcado com ela aqui?

— Ela quem? O que está falando?

— Não minta mais para mim! Já sei de tudo. Desembucha.

— Se sabe, faz o favor de me contar.

— Acho melhor vocês terminarem essa conversa em outro local, pois agora é o horário em que todas as almas se reúnem para ver qual delas será elevada. Três horas da tarde, a hora da misericórdia — disse um soldado que estava em pé ao lado deles com uma voz estrondosa.

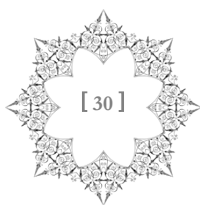
— O que o senhor faz aqui?

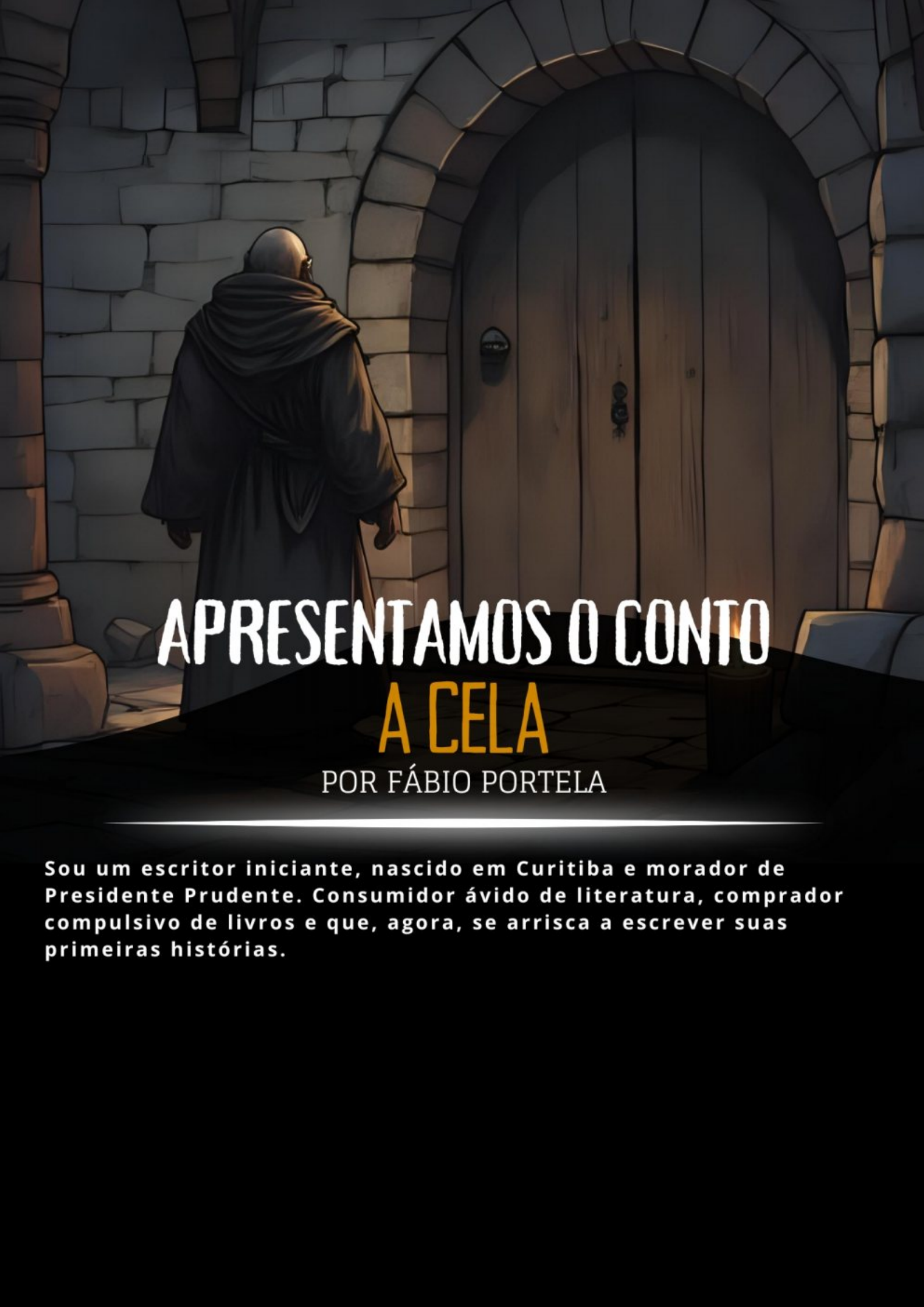
— Eu moro aqui. E ao entrar, encontrei vocês dois desmaiados. Agora, por favor vão para casa e resolvam quem traiu quem porque eu já não tenho mulher para evitar esse tipo de discussão.

— Como pode morar numa casa assim, pavorosa,

— Vivo aqui há mais de trezentos anos e todos os inquilinos não aguentam meu cheiro e acabam de mudando, por isso essa casa é minha.

Os dois saíram com os olhos arregalados ,uma cagada e o outro molhado de urina.



A monk in a dark robe stands in a stone archway, looking at a large wooden door. The scene is dimly lit, with a warm glow emanating from the door area. The monk is seen from behind, looking towards a large, arched wooden door set into a stone wall. The door has a small, dark handle and a keyhole. The stone wall is made of large, irregular blocks. The monk's robe is dark and has a hood. The overall atmosphere is mysterious and somber.

APRESENTAMOS O CONTO A CELA

POR FÁBIO PORTELA

Sou um escritor iniciante, nascido em Curitiba e morador de Presidente Prudente. Consumidor ávido de literatura, comprador compulsivo de livros e que, agora, se arrisca a escrever suas primeiras histórias.

Ainda com os joelhos doloridos, após várias horas despendidas nas orações noturnas, o velho monge voltou para seu quarto. As dobradiças da porta rangeram ao abri-la e os odores de suor e mofo apresentaram-se pungentes ao seu olfato, acumulados ao longo de tantas décadas naquela antiga cela monástica. A cama de palha num canto, responsável pelas desagradáveis coceiras noturnas, partilhava um pouco do luar que entrava pela janela gradeada com outros objetos e mobílias da alcova.

Mais ao centro estava a mesa de leitura. Sobre ela, havia um castiçal simples, com uma vela apagada, e a surrada bíblia, companheira de longa data. O monge acendeu a vela, puxou uma cadeira de madeira maciça para perto, sentou-se e abriu o Livro dos Salmos. A leitura antes do primeiro sono era parte da sua rotina. Era um momento de recolhimento. Em voz baixa, o monge recitou:

“Qui habitat in protectione Altissimi, sub umbra Omnipotentis commorabitur. Dicet Domino: Refugium meum et fortitudo mea, Deus meus, sperabo in eum.”

E as sagradas palavras pronunciadas perdiam-se no silêncio da cela monástica. Salmos e sujeira acumulavam-se pelos cantos.

“Quoniam ipse liberabit te de laqueo venantium et a verbo maligno. Alis suis obumbrabit tibi, et sub pennas eius confugies; scutum et lorica veritas eius.”

O vapor que o monge exalava prenunciava frio intenso para aquela noite. Então, uma nódoa nas suas vestes chamou-lhe a atenção:

— *Que mancha é essa na manga do meu hábito?* resmungou o monge. *Ah sim! Veio daquela criança imunda do povoado. Por isso que ninguém trabalha naquele lugar! Parece que o cheiro daqueles miseráveis ainda está impregnado em mim. Parasitas estrangeiros duma figa!*

Prosseguiu com a leitura:

“Non timebis a timore nocturno, a sagitta volante in die, a peste perambulante in tenebris, ab exterminio vastante in meridie.”

— *Se eu fosse o Abade deste chiqueiro, eu faria diversas mudanças por aqui, a começar por aquele povoado nojento. Dom Henrique sempre foi um incompetente. Deveria tê-lo denunciado à inquisição ainda quando éramos noviços, como fiz com o Álvares.*

A imagem do abade surgiu nítida na sua mente, despertando ódio e antigos ressentimentos.

“Cadent a latere tuo mille et decem milia a dextris tuis; ad te autem non appropinquabit.”

— *E esses noviços recém chegados? Todos imprestáveis! Nenhum realmente foi abençoado pela natureza. Todos muito feios e burros. Que saudades do jovem e belo Antônio.*

Amargura e frustração afloravam de seu velho corpo. Uma sensação morna nascera sob seus pés e ganhava terreno corpo acima.

“Verumtamen oculis tuis considerabis et retributionem peccatorum videbis.

Quoniam tu es, Domine, refugium meum. Altissimum posuisti habitaculum tuum.”

— *Penso que passou da hora de tomar uma decisão a respeito da situação deste mosteiro. É preciso que haja uma mudança na direção deste lugar. Amanhã conversarei com o grupo do monge Francisco. Eu sei que eles são da mesma opinião. Também falarei com Santelmo. Talvez ele tenha algo útil no seu extenso herbário. Sim! Começarei a tomar providências amanhã mesmo.*

A esta altura, já sentia a presença de um calor intenso nas costas, como se estivesse sentado próximo da boca de uma lareira acesa. Gotas de suor desciam pela testa e sua cabeça começava a latejar.

— *Mas o que está acontecendo comigo? Que calor é esse aqui dentro? Estamos em pleno inverno...*

“Non accedet ad te malum, et flagel....”

As letras embaralhavam-se. Pareciam caminhar pelo papel como formigas. O velho monge sentia-se como se tivesse carregado lenha nas costas o dia todo sob um sol escaldante. O cansaço, inexplicável e repentino, tentava arrastá-lo para o chão. Estava

assustado. Nunca sentira nada parecido. Pensou em chamar alguém, mas não tinha forças para gritar. As páginas da Bíblia já estavam encharcadas pela sua transpiração crescente.

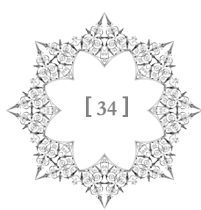
Então notou que a luz da vela estava diferente. Tinha uma tonalidade profundamente vermelha e a chama aumentara de tamanho. Era quase uma tocha. Tentou olhar em volta. Seu quarto parecia uma fornalha. Vultos caminhavam pelo teto e chamas frias brotavam do chão. Sentia que era tragado, como numa areia movediça feita de fogo. Ao olhar de relance para a bíblia, viu a frase:

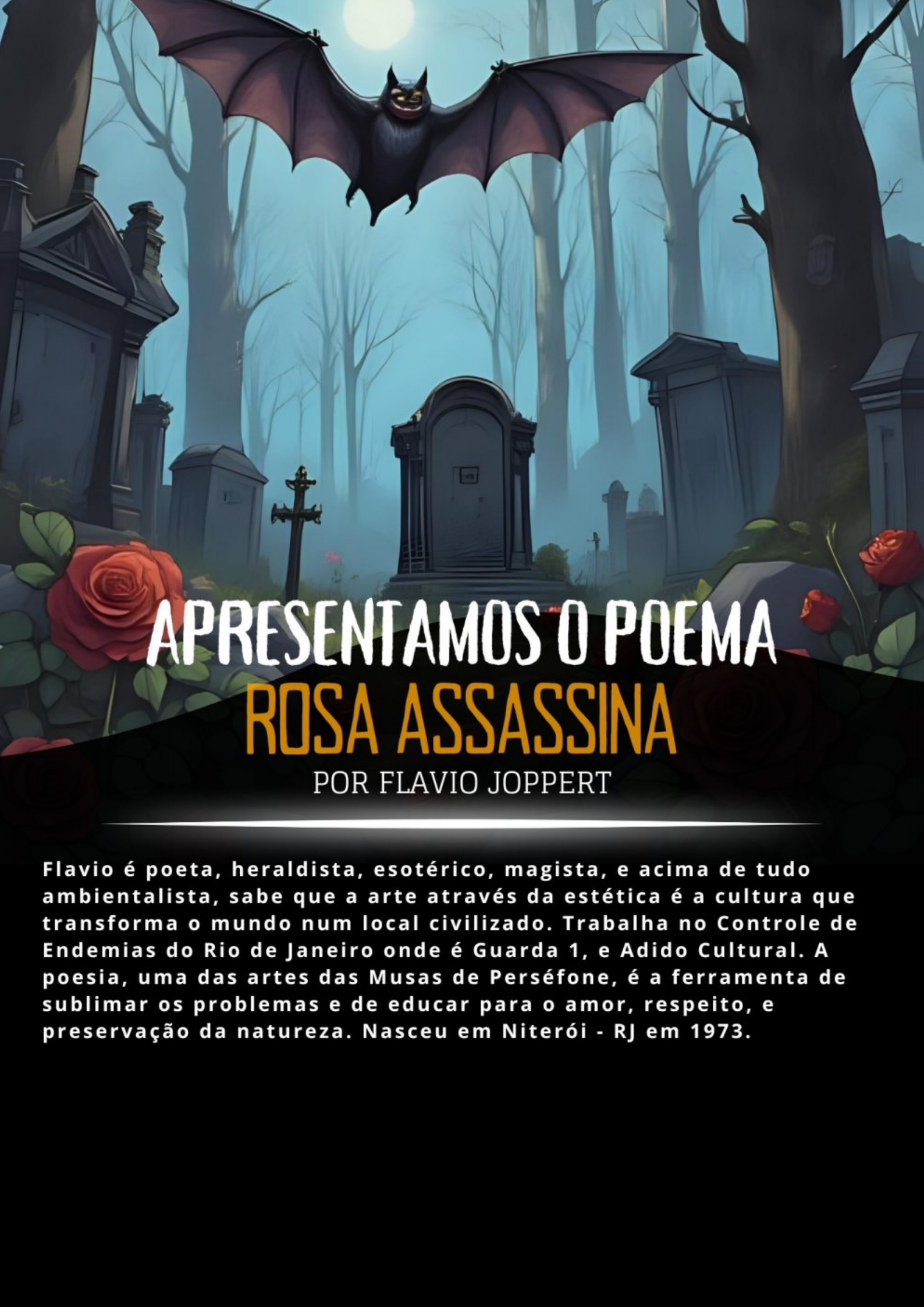
“Omnem spem relinquite, qui intratis...”

Tomado pelo desespero, tentou levantar-se com o que lhe restava de força. Mas estava impotente diante daquele poder irresistível que visitara sua cela aquela noite. Conseguiu apenas cair no chão, extenuado.

No dia seguinte, durante a oração da manhã, notaram que o velho monge não havia aparecido. Concluídas as laudes, Dom Henrique pediu a um dos noviços que fosse até à cela do monge.

O noviço, ao se aproximar da porta entreaberta, sentiu imediatamente o odor inconfundível de queimado. Entrou nervosamente na alcova, mas não havia qualquer sinal de fogo e o quarto estava vazio. No centro ainda estava a velha mesa de leitura, a cadeira e a bíblia do monge. Debaixo da cadeira, porém, surgira um pretume, um profundo negror que lembrava piche. No resto, a cela continuava a mesma, com o sagrado e o profano amalgamados em secular convivência.





APRESENTAMOS O POEMA ROSA ASSASSINA

POR FLAVIO JOPPERT

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Essas flores
em teu caixão
são cheiro de dores,
venenosa paixão.

Cercam a namorada
e minha própria alma
me envenena o sangue
por teu amargo perfume.

Orfeu, que das águas,
faz espelho e
impunemente se mata.

Sou sombra do passado
que fui

Sou um fantasma que
pela noite vaga

Buscando,
em distantes luzes,
teu amor

oração do morcego

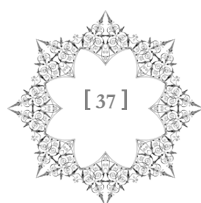
Que eu tenha o dia
para descansar

A noite para
namorar e voar

Sejam as estrelas
minhas guias

Que da Lua tenha
as fazes para me
alumiar

Meu repouso é nessa luz,
que me faz de cinzas
ao me queimar...





APRESENTAMOS O CONTO O GUARDIÃO DA PEDRA ENFEITIÇADA

POR IVAN FERREIRA SILVA VIEIRA

Nascido do interior do Maranhão, na cidade de Bacuri, filho de lavradores, de uma família de sete irmãos, o único da família com graduação superior, formado em Pedagogia, Licenciatura em Matemática e Pós-Graduação em Educação Especial e EJA, professor na rede Estadual de São Paulo, há quinze anos e na rede Municipal de São Paulo, há 2 anos, casado e pai de três filhos lindos, Igor, Samyra e Théo.

Pedro era um menino que não acreditava na pedra enfeitiçada, e nem no guardião, ele sempre dizia:

— Vocês querem me assustar! Eu posso entrar nesta noite, e se existe porque colocaram placa de perigo com a pedra!

— Então, se encontrar a pedra não fala as palavras proibidas, que são: “Esta pedra nem é enfeitiçada” e tenha cuidado com o guardião da pedra.

— Mas só deve ser uma pedra comum então, estou indo, já é de noite.

— Cuidado! A pedra tem uma forma de caveira.

Então, Pedro foi para a floresta, e encontrou a pedra com forma de caveira e nela estava escrito:

“Aqui é o seu fim, espero que tenha se despedido”.

Pedro não tinha escutado o seu amigo e falou a palavra proibida:

— “Esta pedra nem é enfeitiçada”.

— Viu, eu sabia que esta pedra nem é enfeitiçada e que só queria me assustar.

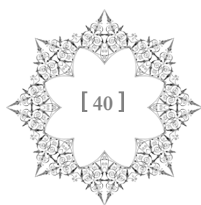
Aí tudo começou a tremer e Pedro viu os animais, perto de muitos corpos mortos e o guardião com arco e flecha, o brilho da lua desapareceu e começou a chover, mas Pedro viu que os animais e o guardião já estavam assassinados, então um homem disse:

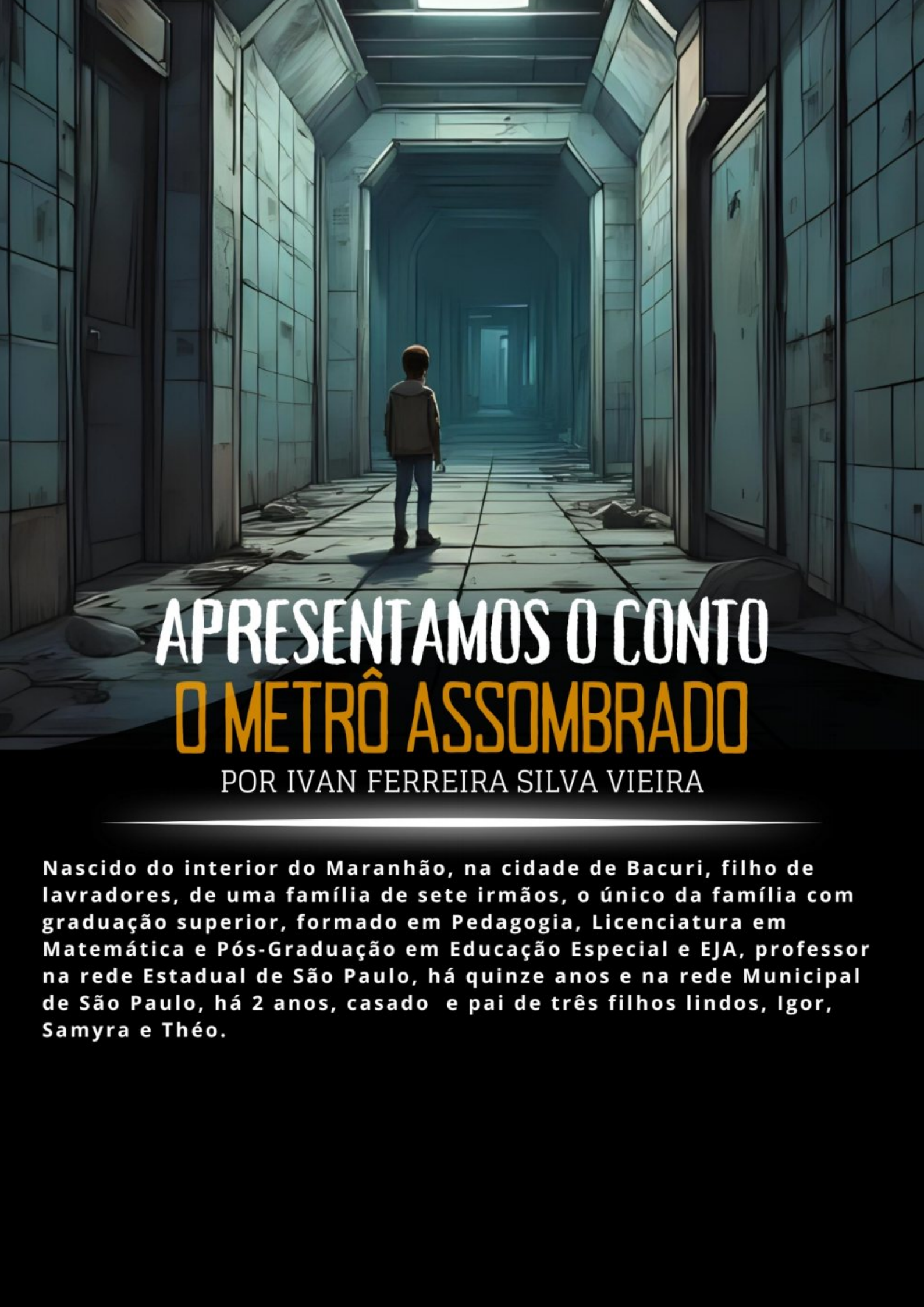
— Corre menino! Antes que seja tarde...

Pedro pediu por ajuda, mas os animais tinham ainda fome e começaram a correr, e cada vez chegavam mais perto, então Pedro desesperado não tinha visto a armadilha, e acabou se machucando, mas ele correu por sua vida, só que não sabia que o guardião queria vingança.

Pedro já não aguentava de dor, então o guardião o pegou, assustado e desesperado começou a gritar por ajuda, mas o guardião tampou sua boca e Pedro começou a chorar de desespero, porque os animais estavam chegando, continuou gritando por todo o mundo, para sua mãe, pai, amigos, tios, tias, primos e primas. Mas o guardião o

matou e assim que amanheceu, foi embora, o pai de Pedro o encontrou e todos os seus parentes estavam tristes, mas um amigo começou a rir.





APRESENTAMOS O CONTO O METRÔ ASSOMBRADO

POR IVAN FERREIRA SILVA VIEIRA

Nascido do interior do Maranhão, na cidade de Bacuri, filho de lavradores, de uma família de sete irmãos, o único da família com graduação superior, formado em Pedagogia, Licenciatura em Matemática e Pós-Graduação em Educação Especial e EJA, professor na rede Estadual de São Paulo, há quinze anos e na rede Municipal de São Paulo, há 2 anos, casado e pai de três filhos lindos, Igor, Samyra e Théo.

Em uma casa vivia um menino que adorava ler livro, um dia ele decidiu ver as coisas da mãe, coisas antigas, quando encontrou um livro que estava escrito assim: “cuidado”, o menino curioso abriu e se assustou! Porque o livro começou a falar, dizendo uma história antiga:

— A muito tempo existia um metrô, de todos os tempos, mas esse metrô fechou! Porque dizia que quem entrar no elevador nunca mais aparecia — falou o livro, então o menino sem pensar duas vezes, pesquisou na internet sobre “o metrô assombrado” e surgiram matérias de vários homens que foram lá e sumiram, então ele ficou com muito medo e, nesse momento, alguém bate à porta: *Toc, toc*. Ele vê um lembrete escrito assim: *Você pretende vir ao meu metrô? Pois saiba que se vir, morrerá. Assinado morte*.

O menino fala para si mesmo: Mas que medo! Será que vou?

Então decidiu que sim, pegou sua mochila e fugiu de casa, ao chegar no metrô assombrado tinha uma placa dizendo “cuidado”, ele abriu a porta e lá tinha bastante poeira e, distraído pisou em uma armadilha, caiu e gritou: *Socorro! Socorro! Socorro! Ai! Ai!*

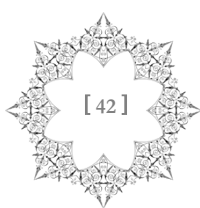
Ele pegou sua mochila e dentro dela tinha uma corda, então a pegou e escalou uma velha parede, passou por um buraco e encontrou uma porta com três botões: um vermelho, outro verde e outro amarelo, apertou o verde e abriu um porão, entrou e passou por vários ratos e, lá encontrou um ancião que disse: *Saia, saia daqui, garoto, tenha cuidado...*

O menino ficou assustado, correu e caiu numa armadilha, ficou preso, então ouviu uma voz dizendo: *Olha só, o que temos aqui?*

Era a voz da morte. Então muitos anos se passaram, e o pobre garotinho, já idoso, disse: *Um dia sairei daqui!*

A morte ouviu, pegou uma faca mágica e tentou assassiná-lo e, nesse momento lágrimas rolaram em seu rosto, então uma mão surgiu das sombras e o garrou. Finalmente foi salvo.

Livre, nunca mais voltou lá e até hoje não sabe bem ao certo o que aconteceu. Ele enterrou o livro e hoje conta a história para as pessoas, mas ninguém acredita nele.



An illustration of a street scene. In the foreground, a person wearing a wide-brimmed hat and a dark jacket walks away from the viewer down a street. To the left, another person is crouching on the ground, hunched over. The street is lined with buildings and has power lines overhead. The title text is overlaid on the bottom half of the illustration.

APRESENTAMOS O CONTO A MORTE E O FAZENDEIRO

POR IVAN FERREIRA SILVA VIEIRA

Nascido do interior do Maranhão, na cidade de Bacuri, filho de lavradores, de uma família de sete irmãos, o único da família com graduação superior, formado em Pedagogia, Licenciatura em Matemática e Pós-Graduação em Educação Especial e EJA, professor na rede Estadual de São Paulo, há quinze anos e na rede Municipal de São Paulo, há 2 anos, casado e pai de três filhos lindos, Igor, Samyra e Théo.

Existia um fazendeiro velho e solitário, pois sua esposa tinha falecido. Um dia ele resolveu ir ao mercado e lá encontrou um morador de rua e, com pena, deu-lhe alguns alimentos. O morador de rua, disse: *Muito obrigado! Eu gostaria de fazer alguma coisa para revidar sua bondade. Quer saber? Faz um pedido...*

O fazendeiro disse: *Isso é bobagem...*

E o morador de rua respondeu: *Faça um pedido, por favor...* E nesse momento, sua aparência modificou, transformando-se na morte: *Faça logo o pedido...*

Então o fazendeiro um pouco assustado, disse: *Eu quero ser imortal.* A morte respondeu: *Isso não posso fazer...*

Em resposta, o fazendeiro retrucou: *Pois bem, quero viver pelo menos por mais 300 anos.*

Então a morte disse: *Isso eu posso fazer!*

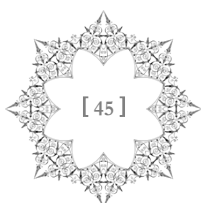
Então a morte, num brilho incandescente, desapareceu e, o fazendeiro ficou sem entender o que aconteceu, então um pouco atordoado, foi para casa.

Muitos e muitos anos se passaram e o fazendeiro, com seus 120 anos, ainda trabalhava normalmente. As pessoas ficavam confusas, pois ele não envelhecia. Mais trinta anos se passaram e com 150 anos, muitos passaram a temê-lo. Cinquenta anos depois e o fazendeiro, agora com duzentos, ainda mostrava juventude.

Ele estava com aparência de jovem, então passaram-se mais 70 anos e, agora ele tinha 270 anos. Restavam apenas mais 30 anos para completar 300 anos. Era certo que o pedido que fez para a morte tinha dado certo, mas o que aconteceria depois que ele completasse essa idade? Então ele tentou encontrar novamente esse morador de rua e, quem sabe o encontraria por aí... Ele precisava desesperadamente pedir mais 300 anos de vida.

Então se passaram mais 30 anos e ele sabia que a morte viria buscá-lo, mas não sabia o momento exato que isso aconteceria e, um dia, observando pela janela, viu ao longe a morte com um capuz olhando para ele. Ela caminhou até a porta da sua casa e deu 3 batidas na porta, o fazendeiro tentou fugir, mas não conseguiu, saiu correndo pela porta dos fundos e entrou no milharal, mas a morte o alcançou facilmente. Ela disse: O

momento chegou, eu disse que você não seria imortal. Agora, levarei o que é meu. Então a morte levou a sua alma.





APRESENTAMOS O CONTO UM VILAREJO PACATO

POR JOSÉ OSEAS MOTA

Nascido em Santo André (SP), vive em Guaxupé (MG) há tantos anos que se considera totalmente mineiro. Licenciado em História, com pós-graduação na área e também em Filosofia, é professor das redes pública e particular há mais de duas décadas. Autor do livro "Causos assombrados das Gerais", publicado pela ESL Editora (2025). Bibliófilo assumido, mantém sua biblioteca particular, que busca atualizar sempre. Desde pequeno ouvia histórias de assombrações (e morria de medo delas) e agora compartilha esse medo em forma de contos.

Com certeza aquele seria um final de semana perfeito. Luís estava com tudo. Dinheiro não lhe faltava, o carro novo rodava macio e o ronco do motor (que motor!) deixava sua adrenalina nas alturas. E, é claro, Amanda. Quando ele chegou na balada logo a viu, uma loira linda, de corpo perfeito, dançando e sorrindo de forma que todos os olhares se voltavam pra ela.

Foi uma conquista maravilhosa, mas, é claro, Luís sabia que a conseguiria. Afinal, estava acostumado a encantar garotas com seu charme e com a ostentação de sua riqueza. Saíram dali e transaram logo no primeiro motel que encontraram. Tudo estava tão bom que resolveram se arriscar em uma aventura pelas estradas, sem rumo certo, apenas curtindo o momento e imaginando outros momentos de intimidade.

E assim seguiram em frente, até se darem conta de que não sabiam onde estavam. Entraram por uma estrada de terra, cercada de campos com matas nativas distantes, sem nenhuma casa à vista, sem sinalização. Onde estavam GPS não funcionava, não havia sinal de celular e, por isso, decidiram continuar em frente até conseguir uma conexão com alguma rede. Já haviam rodado muito e a paisagem não se alterava, quando avistaram um vilarejo um pouco à frente e para lá se dirigiram.

Era um lugar estranho, com residências e imóveis comerciais fechados, ruas empoeiradas, quase vazias. Eles rodaram por algumas delas até avistarem um homem aparentando idade avançada que calçava botas e usava chapéu de palha de abas gastas. Luís parou o carro junto a ele e perguntou onde estavam. O homem virou-se para ele e respondeu:

— Aqui é a Vila de Feuer.

Que estranho. A ele pareceu ouvir “fáiar”, ou algo semelhante, e a ela também. Eles nunca tinham ouvido esse nome. E ainda mais estranho era quem lhes respondia. Seu rosto e olhos não tinham expressão e sua voz era morta. Esse homem disse apenas isso, virou-se e se afastou deles.

Tudo era tão intrigante que o casal se esqueceu de seus planos e decidiu circular pelo local. Todas as ruas pareciam iguais, assim como a maioria das casas, sempre fechadas. Mesmo uma praça, que parecia ser o centro do vilarejo, com uma pequena

igreja (por sinal também fechada), estava vazia. Apenas poucas pessoas se viam pelas proximidades e foi então que Amanda disse:

— Que estranho.

— O quê? — Perguntou Luís.

— Não vejo nenhuma criança ou jovem em parte alguma.

Luís parou o carro. Era verdade. As poucas pessoas que viam eram todas adultas, a maioria idosas. Atento a isso ele seguiu dirigindo pelo local e a constatação foi a mesma. Tanto ele quanto Amanda sentiam que havia algo de errado por lá.

Mais à frente avistaram uma senhora que andava com dificuldade e foram até ela. Luís falou:

— Com licença, senhora.

— Pois não, filho — e eles notaram o mesmo tipo de voz morta que já haviam ouvido do velho.

— Sabe dizer onde estão as crianças e os jovens daqui?

A pergunta pareceu balar a mulher, cujos olhos se arregalaram. Ela começou a gaguejar, a olhar para os lados e, com uma desculpa qualquer, se afastou deles. Agora a curiosidade estava lhes corroendo. Que mistério seria aquele? De repente Amanda disse:

— A escola. Deve ter uma por aqui.

Luís concordou e voltaram para o carro. Dirigiu apenas alguns minutos até encontrar uma escola, mas ela estava fechada e sua aparência era de total abandono. Saíram do carro e Luís forçou o portão, enquanto Amanda olhava para o interior do prédio pelo alambrado que cercava o local, mas nada conseguiu descobrir. Por fim ela disse:

— Não estou gostando nada disso. Quero ir embora.

— Você está com medo?

— Estou. Você não?

— Acho que sim... um pouco. Vamos fazer o seguinte: Vamos dar uma volta por aqui a pé e, se não descobrirmos nada, vamos embora.

Eles foram caminhando, com atenção redobrada, sentindo cada vez mais um desconforto que não sabiam explicar. Logo se aproximaram de um parque com diversos brinquedos como balanços e escorregadores, mas viram que deveriam estar sem uso a muito tempo. Alguns balanços tinham correntes partidas e muitos escorregadores estavam tortos e apresentavam ferrugem.

Amanda avistou um homem idoso de baixa estatura e encurvado e o mostrou a Luís. Mas quando se dirigiram para o velho ele os avistou, entrou em uma casa próximas e fechou a porta. Luís ia chamá-lo, mas algo o fez parar.

Eles ouviram uma risada de criança vinda de uma esquina próxima e saíram correndo em direção a ela, mas, ao entrar naquela rua, não viram qualquer criança e lá não havia saída. Estavam em frente a um amplo edifício térreo, aparentando ser uma fábrica, mas sem qualquer indicação de nome. Ficaram confusos e observavam o lugar, quando ouviram risadas vindas de dentro do prédio. Luís testou a maçaneta e a porta e abriu.

Era um local muito escuro, com algumas máquinas agrícolas antigas e uma grande fornalha ao fundo, tudo dando a impressão de estar abandonado a muito tempo. De repente a risada se repetiu próxima à fornalha e Luís acendeu a lanterna de seu celular.

— Oi, tem alguém aí? — Perguntou com a voz carregada de medo.

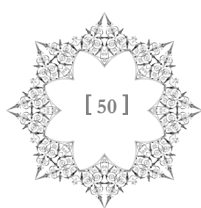
Em resposta passaram a ouvir mais risadas, agora parecendo vir de todos os lados. Amanda foi andando lentamente para o fundo do lugar e ele a iria seguir, mas nova risada às suas costas, mais intensa que as anteriores, o detiveram. Então olhou para Amanda que estava parada em frente à caldeira e disse com voz apavorada:

— Há alguma coisa aqui.

Nesse instante a porta da caldeira se abriu e Amanda foi sugada para dentro. Imediatamente o fogo se acendeu e ela começou a gritar, sem conseguir abrir a porta. Luís correu até lá e tentou também a abrir, sem conseguir. Pelas grades ele a conseguiu ver queimando, as mãos no rosto, ouvindo seus gritos misturados ao som da madeira queimando. Grande agonia se apossou dele, e começou a buscar algo para abri a caldeira, mas nada achava. Nisso, pareceu-lhe ver uma pequena sombra se movimentando rapidamente ao seu lado.

Ele se assustou, mas ao ver um cano no chão o pegou e tentou usá-lo como alavanca para abrir a fornalha. No entanto, por maior esforço que fizesse, não conseguiu. Em desespero, saiu correndo para procurar ajuda, quando algo atravessou seu caminho e ele caiu. Um estrondo, acompanhado de um tremor, partiu da fornalha e uma plataforma de corte de uma colheitadeira que estava em pé encostada à parede caiu sobre suas pernas, provocando um estalo em seu joelho direito e uma forte dor. Luís não conseguiu se levantar, estava preso ao chão. Gritou por socorro e agitou muito os braços, retirando a poeira de sua frente, de onde surgiu um velho jornal onde uma manchete, que ele teria lido se pudesse, informava: “Crianças sequestradas foram queimadas vivas em fornalha da cidade de Feuer”.

Perplexo, ele tentou se virar, mas não conseguiu. Já não gritava mais. Seus olhos ardiam e o desespero tomava conta dele quando viu a silhueta enegrecida de uma criança. Novamente tentou gritar, mas nenhum som saiu de sua boca. A última coisa que viu foi aquela criatura de corpo carbonizado, cheirando à carne queimada, de olhos brilhantes, se atirar sobre ele.





APRESENTAMOS O POEMA O MONSTRO DA PRAÇA

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

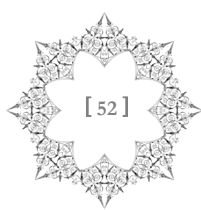
Quando é meia-noite enfim fica à espreita,
do oco da árvore, um ser tão aterrorizante...
Com cabelos de arame que a todos rejeita,
surge o monstro com um olhar flamejante.

Seus olhos vermelhos e esbugalhados...
Vasculham a noite em busca de temor.
Com seu olhar, todos ficam paralisados
e o pânico se espalha, causando horror.

A respiração, era como trator enguiçado...
Ressoa nas trevas, um som assustador.
Quem ousa enfrentá-lo, fica amedrontado,
pois a coragem evapora, resta só o pavor.

Na calada da noite, ninguém se atreve
atravessar a praça sob o céu estrelado.
Pois a criatura, com presença tão grave
deixa a todos em silêncio, paralisados.

O monstro odeia que o encarem de frente...
De tanta raiva, os passos ecoam no chão.
Quem encontra seus frios olhos, de repente
tem o coração disparado, tamanha aflição!





APRESENTAMOS O CONTO O RIO DO TOCO

POR OARISTOS

Me chamo Julianna Pacheco, tenho 30 anos e sou bibliotecária da Prefeitura de Belém.

Desde os meus 15 anos escrevo, embora nunca tenha publicado oficialmente.

Atualmente, como contadora de histórias, sinto a necessidade de levar alegria a jovens e adultos.

Compartilho narrativas que dialogam com minha vivência e com a cultura do Pará.

Sou da Religião de Matriz Africana e, em minha terra, circulam muitos causos sobre visagens, encantarias, pajelança e o imaginário amazônico.

Inspirada por essas tradições, venho criando contos baseados em fatos reais e em mitos da região.

Tenho como referência o escritor paraense Walcyr Monteiro, um dos grandes responsáveis por difundir nossas lendas urbanas em suas obras.

Para você caro leitor, que trago essa história sobre um toco de árvore que flutua nos Rios do nosso arquipélago Marajoara, precisamente pelo Rio Paracauari, conta a Dona velha Anchieta, moradora da Região e pajé da Cidade.

Em meados dos anos 2000, Dona Anchieta adorava realizar a luz do luar rodas de histórias com jovens e crianças da Vila do Pesqueiro, onde morava. Em noites de lua cheia, amava contar relatos sobre visagens, encantados e lendas que só existiam na Ilha do Marajó. Histórias sobre a Matinta Perera, Boto cor de Rosa, Cobra Grande, Mãe d'água, Caruanas e tantas outras entidades que habitavam aquela Ilha tão rica de seres encantados. Certo luar, Anchieta sentada à beira da praia com as crianças, ao redor de uma fogueira contava a tal lenda do Rio do toco.

— Vocês sabiam crianças que há muito anos tem um toco que flutua no nosso Rio Paracauari?

— Não! — Responde todo animado o gitozinho.

— Dizem as más línguas que o toco dessa árvore, era uma árvore muito sagrado para os seres Caruanas que vivem em nossos rios, certo dia um grupo de madeireiros resolveram derrubá-la por ela ser tão linda e vigorosa, e queriam ganhar muito dinheiro com ela, mas ao transportá-la de balsa um pedaço do tronco caiu no rio, e então o ser caruana das águas amaldiçoou todo homem que ali adentrasse a mata para fazer mal a qualquer planta ou animal da nossa região.

Após isso, o toco passou a boiar inesperadamente pelo rio, e toda vez que ele emergia do fundo para boiar entre a travessia das Cidades de Camará e Soure, todos podiam ter uma certeza que naquele dia, alguém iria morrer, pois o toco trazia o mau presságio da morte!

E não demoravam muito não, os noticiários da Cidade informavam sempre um dia após o aparecimento do toco que algum morador morreu afogado no Rio.

— Mas Dona Anchieta, o que é um mau presságio? — Perguntou Inaê toda assustada.

Dona Anchieta então lhe respondeu:

— É quando minha filha, alguém te roga uma praga, quando a gente sente que algo de ruim vai acontecer com a gente, sabe?

— Tia Anchieta, e como é esse ser Caruana que vive nas águas? — Pergunta curioso o pequeno Aboio.

— Ah meu fio, os Caruanas que abrem os portais das águas se Chamam “*Caruana Jacundá*” e “*Caruana Jandiá*”, eles são homens com cabeças de peixes, tem olhos azuis, e suas costas são cheias de barbatanas, bem grossas com suas escamas. E eles podem se transformar em pessoas e nos levar para dentro do rio, sem perceber.

— Nossa Dona Anchieta, agora estou com medo de nadar na praia, vai que ele me encanta?! Quero não, tenho medo pela minha mãe.

— Mas, não se preocupe Inaê, os encantados só dão lição aqueles que fazem mal para nossas árvores.

— Mas vocês sabiam que tem outros tipos de Caruanas? Tem o Caurana Itauí, que parece uma estrela do fundo-do-mar, Caruana Pocará que protege as pessoas que se banham nas praias...

— Oh, viu só Inaê? Ele não machuca não! — Interrompe Aboio.

— E o Caruana Cobra que moram nas águas, mas esse eu tenho medo. Ele pode te encantar fácil, fácil e querer que tu fique lá com ele.

— Ele é parente da Cobra Grande? — Pergunta Aboio.

— Hahaha, acredito que seja um primo distante dele Aboio.

Mas é ele quem judia dos pequenos que tentam matar as nossas matas. Ele só tenta proteger o que é deles e que não cuidamos com afeto. Os Caruanas são seres que protegem tudo ao nosso redor.

Certo dia meninos, um fazendeiro daqui da região soube dessa história do toco do rio. Ele tinha grandes posses, muitas cabeças de búfalos e era um grande produtor de queijo de búfalo da nossa região. Mas em uma de suas andanças a noite pela cidade, ouviu de um grupo de pequenos produtores que o tal toco havia aparecido no Rio

Paracauari, e que no outro dia Seu Arlindo havia falecido se piruetando em um galho de mangue, e logo após o tal do toco aparecer.

Os burburinhos eram muitos pela coincidência. Sabem como é cidade pequena, né? A fofoca bate na porta do outro rápido. Então o tal fazendeiro desafiou todos ali daquela roda que quando aparecesse esse tal toco, ele iria laçar ele e retirar do rio, para acabar logo com a tal credence. Dizia ele todo pomposo, querendo se amostrar para os demais que eram corajosos, e que tudo não passava de lorota que o povo inventava.

Então o fazendeiro esperou, esperou, esperou dias até chegar o momento que ele encontrara esse “tal de toco”, assim como ele chamava.

O seu capataz lhe avisou que havia avistado no rio próximo, os dois saíram correndo cavalgando nos búfalos até a beira do rio. Chegando no trapiche, o fazendeiro disse para o seu capataz: “É hoje que eu mostro que tudo isso não passa de besteira pra esse povo”. Então ele tirou da sua cintura sua corda, fez o nó para poder laçar, rodopiou para o alto três vezes, estava tão confiante como uma criança que se joga no rio sem medo de se afogar.

Só ouviasse o som do giro da corda

“Vrum, vrum, vrum” e sentia-se aquele vento forte que fazia ao redor. Então ele lançou “Vruum”. Não conseguiu laçar o toco.

Rodopiou com mais força agora para o alto, olhando fixamente para o tronco como se estivesse caçando um bicho, e então lançou de novo “Vruum”. Não conseguiu novamente.

Seu capataz ficou surpreso, porque seu Chefe não errava seus búfalos, e aquele tronco era tão menor, ficou se perguntando:

— “Será que isso é coisa de encantado?”

Então tentou a terceira e última vez laçar o tronco, agora ele sentia raiva por ter sido desafiado e não ter conseguido pegar o tronco, e mais que tudo queria provar para todos que era o melhor. Girou novamente... E jogou no ar.

E sabem o que aconteceu crianças?

— Não! O que aconteceu?

— Ele conseguiu? — Indagou Inaê.

— Não, acho que caiu no rio — disse Aboio.

— Não crianças, nada disso.

O nó do seu laço se desfez, fazendo um estalo no ar “Pá”. Era o Caruana pregando peça para avisar que ele não mandava nas águas, e que ele só não foi porque não era à hora dele ainda.

Mais tenham certeza pequenos, todos aqueles que se foram não morreram, foram encantados no fundo do rio pelos espíritos Caruanas, para aprenderem a cuidar da nossa natureza e não desafiar suas forças.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.





APRESENTAMOS O CONTO O SHOPPING DOS SUICIDAS

POR OARISTOS

Me chamo Julianna Pacheco, tenho 30 anos e sou bibliotecária da Prefeitura de Belém.

Desde os meus 15 anos escrevo, embora nunca tenha publicado oficialmente.

Atualmente, como contadora de histórias, sinto a necessidade de levar alegria a jovens e adultos.

Compartilho narrativas que dialogam com minha vivência e com a cultura do Pará.

Sou da Religião de Matriz Africana e, em minha terra, circulam muitos causos sobre visagens, encantarias, pajelança e o imaginário amazônico.

Inspirada por essas tradições, venho criando contos baseados em fatos reais e em mitos da região.

Tenho como referência o escritor paraense Walcyr Monteiro, um dos grandes responsáveis por difundir nossas lendas urbanas em suas obras.

O que deveria ser um espaço de lazer para a população belenense transformou-se em um ambiente marcado pelo suspense, medo e terror, tanto para lojistas quanto para os frequentadores. O **Shopping B2** — quem nunca ouviu falar dele? — é conhecido por abrigar relatos misteriosos: vultos que surgem nas salas de cinema, sussurros nos corredores de emergência, a sensação constante de estar sendo observado ao descer as escadas de serviço, sem mencionar os inúmeros casos de suicídio registrados no local. Posso assegurar-lhe, caro leitor, que alguma dessas histórias você certamente já deve ter ouvido.

Mas quando tudo isso começou? Relatos apontam para o período entre 1835 e 1840, época em que a cidade de Belém vivia a Revolta da Cabanagem. Conta-se que inúmeros corpos de escravizados e indígenas foram lançados no *Igarapé da Indústria* — como era chamado, antigamente, o canal que cortava aquela região. A quantidade era tamanha que o local passou a ser conhecido como “*Água dos Mortos*”. Naquele tempo, as crenças populares tinham grande força, e muitos afirmavam que a área, antes marcada pelo comércio, entrou em decadência devido à maldição provocada pelos corpos ali lançados — uma espécie de pagamento simbólico por cada gota de sangue derramado daquele povo.

Outra suposição sobre o terreno é a de que ali teria existido um cemitério indígena, cujos espíritos, revoltados, ainda vagariam pelo local. Também circula a versão de que grupos ocultistas, como a Maçonaria, teriam realizado rituais de sacrifício naquela área, o que explicaria a atmosfera sombria que a envolve. Entretanto, prefiro acreditar que as verdadeiras histórias têm origem nos mortos da Cabanagem. Afinal, a Avenida Souza Vieira — onde hoje se localiza o shopping — foi palco de intensas lutas e chegou a ser conhecida como “*Docas das Almas*”, em razão das mortes que ali ocorreram.

Apesar de tantas especulações em torno do local, foi construído outro shopping, que mais tarde passou a ser conhecido como Doca B2. O que inicialmente parecia um grande sonho de lucro para os empresários acabou se transformando em um fardo: lojistas passaram a registrar prejuízos, a movimentação de pessoas era reduzida, grandes lojas fecharam suas portas sem explicação aparente e, além disso, muitos relatavam sentir uma energia extremamente pesada no ambiente. Tudo isso reforçava ainda mais a crença de que aquele terreno estaria, de fato, amaldiçoado.

Em 2009, foi finalmente inaugurado o shopping como o conhecemos hoje. Mesmo com tanta modernização arquitetônica, o local passou a registrar relatos de “*fenômenos sobrenaturais*”, embora os corpos de bombeiros classificassem tais ocorrências como incidentes estruturais. Um ano após a inauguração, ocorreu o primeiro incidente de grande relevância: um incêndio na torre de refrigeração de uma das lojas, situada na área externa do shopping. Em 2013, foi registrado o primeiro caso de suicídio, quando uma mulher se lançou da área externa por uma abertura do estacionamento. Dois anos depois, em 2015, ocorreu o segundo suicídio. De acordo com informações do shopping, desde o primeiro registro já haviam sido contabilizadas sete tentativas de suicídios, até o ano de 2017.

Judite estava desempregada desde a pandemia e enviava currículos para todo tipo de vaga em Belém — até mesmo para trabalhar em condições precárias com lojistas chineses e coreanos instalados no comércio da cidade, conhecidos popularmente pelos belenenses como “*chingue-lingue*”. Certo dia recebeu uma ligação para participar de uma entrevista em uma franquia no shopping. Após a seleção, conseguiu a vaga. Informaram-lhe, então, que não trabalharia no shopping localizado na Avenida Casa Centenária, mas sim no da Doca. Animada, Judite foi cheia de expectativas, já fazendo planos de compras, antes mesmo de saber se sua carteira de trabalho seria assinada.

No dia do teste na loja, entre conversas e orientações, aproximava-se o horário do almoço quando, de repente, ouviram-se gritos. Funcionários corriam em direção às colunas próximas às escadas rolantes e alguém exclamou: “*Meu Deus, de novo, mais um!*”. Judite ficou trêmula, pois já sabia do que se tratava. Saiu junto com a gerente até a frente da loja e viram pessoas filmando, um jovem se pendurando, alguns ligando para o Corpo de Bombeiros, outros gritando, enquanto seguranças corriam pelas escadas. Mas era tarde demais.

O peso do corpo era maior do que a força para se sustentar. Ainda pediu, pela última vez: “Me ajuda”. Mas não houve quem pudesse ajudá-lo. No fim, era visível o arrependimento estampado em seu olhar. Quem poderia imaginar que um jovem, que horas antes estava próximo à sala de cinema tomando um sorvete, cometeria tal ato? Ninguém. Caro leitor, a depressão muitas vezes se disfarça em sorrisos.

O pior foi ouvir o estrondo seco — “paaaaaaaaaaaaa” — profundo e oco, seguido pelos gritos desesperados e pelo eco de um “*Ai, meu Deus!*”.

Naquele momento, Judite se lembrava de Chico Buarque e sua canção *Construção* (1971). Porém, ao invés de pensar no verso “*comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe*”, imaginou: “*tomou o seu sorvete como se fosse um príncipe*”. A música, em sua mente, parecia definir o último caso suicida ocorrido naquele local.

Mas Judite ainda tinha relatos a compartilhar sobre aquele dia. Funcionários que trabalhavam — e até mesmo alguns que ainda trabalham no local — garantem que tudo é verídico. Logo após o suicídio, as luzes do shopping começaram a piscar, acendendo e apagando várias vezes, como em cenas de filmes de terror. O sistema de som apresentou falhas: ora ficava baixo demais, ora subitamente aumentava de volume, reproduzindo um ruído semelhante ao de um carro em acidente — a freada brusca, a batida e o estrondo dos vidros se estilhaçando.

Mentalmente, Judite pensava: “Que dia bizarro”.

Ao sair do shopping no seu horário de trabalho, às 16h — sim, o shopping funcionava normalmente —, o corpo ainda não havia sido retirado pelo IML. Agora você entende a letra de *Construção* para essa história, não é?

Desde 2019, Judite trabalha em uma casa espiritualista, na época, era reconhecida como uma trabalhadora espiritual, pois realizava atividades de cura para os frequentadores. O serviço se assemelhava ao que ocorre em centros espíritas, incluindo fluidificação de águas, passes magnéticos, palestras, orações e banhos de ervas para cura. Na manhã seguinte, Judite lembrou-se do ocorrido e resolveu ligar para sua Mãe de Santo, relatando o que havia acontecido e pedindo orientação sobre como agir antes de entrar naquele local. Após a conversa, dirigiu-se ao trabalho, mas sentiu uma sensação estranha — talvez fosse à lembrança, talvez algo mediúnico; ela não saberia explicar com precisão.

Meses depois, a casa espiritualista onde Judite realizava trabalhos de caridade foi convocada pelo shopping para realizar uma limpeza espiritual. Ela não nos revela em detalhes do que aconteceu no dia, por ética e respeito — embora meu espírito fofoqueiro quisesse muito contar —, mas ela conta que, um dia antes da limpeza programada, os fenômenos sobrenaturais ocorridos no mesmo dia do incidente se repetiram. Dessa vez, chegou a faltar energia; ficamos sem luz no sábado à noite por um período. Quando a eletricidade voltou, as luzes continuavam piscando, o som do shopping novamente se

alterava e, por incrível que pareça, repetiu-se o mesmo ruído de batida de carro saindo pelas caixas de som. Coincidência? Não acredito nisso.

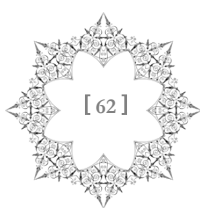
Quem é fã de filmes de terror baseados em fatos reais sabe que entidades costumam ressoar e se manifestar antes de uma limpeza espiritual.

Algum tempo depois da limpeza, foi instalado, na área onde o jovem caiu, um chafariz de água entre uma loja e a escada rolante, com o objetivo de trazer paz ao espírito que havia sido resgatado e encaminhado. Após ler todo este relato, vá até o local e veja por si mesmo; o chafariz foi colocado por solicitação de Pai Joaquim de Aruada.

Judite nunca sentiu tanto medo das escadas de emergência quanto naquele shopping. Sempre que precisava usá-las, seu corpo se arrepiava, tomada por uma estranha sensação de estar sendo observada — um peso sobre si, arrepios que surgiam sem explicação. Jurava de pé junto que odiava ser responsável pelo “fechamento” da loja, pois essa função incluía descartar o lixo, o que a obrigava a percorrer as escadas de emergência conforme as normas do estabelecimento. Muitas vezes, realizava a tarefa correndo.

Sua colega de trabalho, quando trocava de escala, relatava o mesmo pavor: a sensação constante de estar sendo vigiada, acompanhada por um peso nos ombros.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.





APRESENTAMOS O CONTO EM QUE POSSO AJUDAR?

POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS

Paula Soledade é autora e professora, unindo literatura e educação em sua trajetória. Apaixonada por palavras, dedica-se à escrita de contos, minicontos e obras autorais, explorando temas do cotidiano com sensibilidade e crítica. Seu livro infantil Mamãe, de onde eu venho? reflete sua busca por narrativas que dialoguem com leitores de diferentes idades. Além da escrita, atua como educadora, valorizando a criatividade como ferramenta de aprendizagem. Inspira-se em música, cinema e experiências pessoais para transformar ideias em histórias que tocam e provocam reflexão.

Mais um dia em que acordo suada e gritando. Há semanas eu tenho o mesmo sonho todas as noites: estou em um beco escuro, ouço um tiro, vejo uma poça de sangue. Vou em direção ao corpo e percebo que sou eu também, deitada no chão, com um tiro no peito.

Me levanto e noto que, mais uma vez, cochilei no escritório. Embaixo de onde eu estava com a cabeça apoiada há um calendário com a data de hoje (10 de outubro de 2050) marcada em destaque. Há também uma pilha de papéis, fotos, provas de um crime de 10 anos atrás, sem solução, que foi reaberto graças a uma nova tecnologia que permite uma investigação in loco no momento exato do crime. A ideia é simples: usando áudios, fotos e vídeos coletados na época, o software consegue “transportar” o investigador para a cena do crime no momento em que ele aconteceu, permitindo solucionar vários casos em aberto.

Apesar de a tecnologia já ter sido testada em outros estados, era uma novidade na pequena cidade de Humberston, e eu, como investigadora sênior, fui responsável por chefiar a unidade de reabertura de casos sem solução. A escolha desse caso específico para iniciar nossos trabalhos, confesso, foi pessoal: foi meu primeiro caso como investigadora há 10 anos e — modéstia à parte — o único que eu não consegui solucionar. Era um homicídio bizarro: uma jovem de 18 anos foi baleada a caminho de casa, após sair do hospital onde acompanhava a avó em estado terminal de câncer. Nada naquele crime fazia sentido: nada havia sido roubado, não houve indícios de crime sexual, a jovem não tinha desentendimentos com ninguém nem ex-namorados problemáticos; frequentava a igreja, tinha família estruturada, morava em um bairro tranquilo e, quando não estava na igreja, estava no hospital com a avó. O crime foi tão estranho que acabou arquivado — não havia suspeitos, arma do crime nem motivação.

Antes de iniciar a “viagem” no tempo, tive o trabalho de reabrir o caso, entrar em contato com a família e pedir autorização; depois reorganizar todos os arquivos do inquérito e colocá-los em ordem cronológica para o software montar o ambiente exato do retorno.

Depois de semanas alimentando o sistema com todas as provas que tínhamos, hoje era o grande dia: voltar 10 anos e desvendar o mistério. Sentada naquela cadeira, com fios na minha cabeça me conectando a um computador, eu estava bastante nervosa, mas a curiosidade e a adrenalina de finalmente capturar o assassino me deram coragem para pedir que ligassem o software e comesçassem a viagem.

Abro os olhos e estou nas ruas de Humperston — mas uma Humperston diferente, com menos casas; o hospital em frente era muito mais novo, parecia recém-inaugurado, com a pintura em perfeito estado, bem diferente da situação atual. Concentro-me na missão, olho o relógio: é 10 de outubro de 2040, e daqui a cinco minutos a jovem sairá pela frente do hospital. Minha missão é segui-la e descobrir quem deu o tiro que tirou a sua vida. Não posso interferir em nada nem tentar salvá-la — essas instruções foram repetidas diversas vezes e precisei assinar um termo de total responsabilidade sobre minhas ações dentro do software.

Vejo-a saindo e vou atrás. Sigo até o local onde acontecerá o crime. Por hábito, pego minha arma e destravo-a. Vou andando lentamente e vejo uma pessoa vindo do outro lado com uma arma apontada para a jovem. Não penso: aperto o gatilho; ao mesmo tempo, a outra pessoa também aperta. Meu tiro acerta o desconhecido; o dele acerta a jovem.

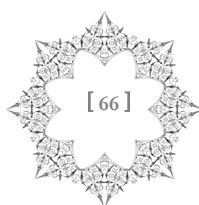
Desespero. Corro até a jovem, que tem uma poça enorme de sangue sob si. Procuro sinal vital, mas nada — o tiro foi certeiro. Vou em direção ao assassino: ele também está deitado, sobre uma poça de sangue. Pelo visto, meu tiro o acertou em cheio. Viro o corpo e caio para trás. O atirador também sou eu.

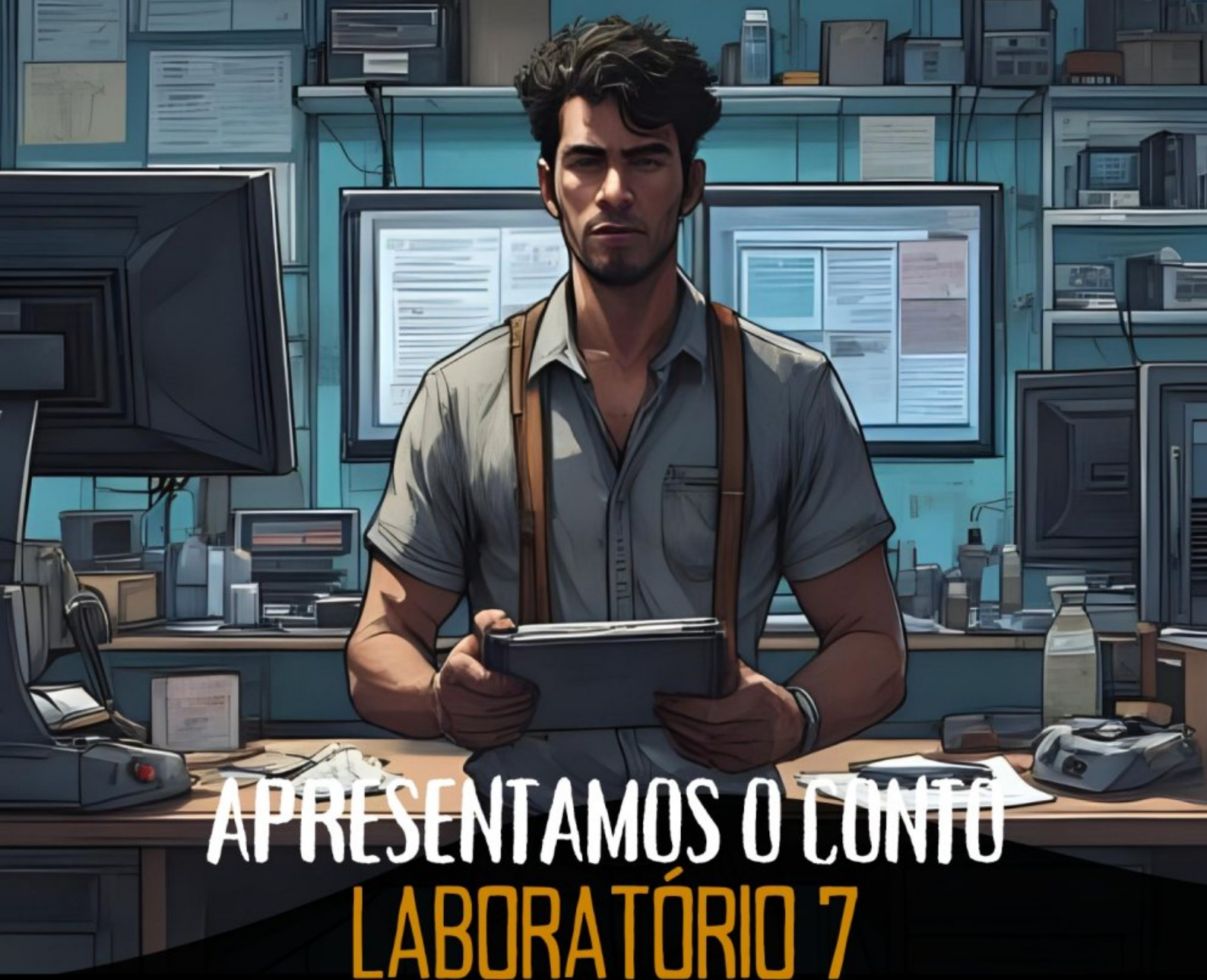
Aperto os olhos esperando acordar suada outra vez, mas é real. Checo o pulso da eu que está quase morta e vejo que ainda há sinal de vida. Ela me olha; não parece tão surpresa quanto eu. Percebo que ela/eu está mais velha; ela apenas diz: “Não deu certo de novo. Ela precisava morrer. Agora acabou.”

Olho o relógio: hora da minha morte — 20h45.

Volto ao escritório e percebo que tudo está diferente. A placa que antes tinha meu nome, sobre a mesa, agora tem o nome de Jhon. Olho os papéis e descubro que sou a principal suspeita do assassinato da jovem do hospital. Entro em desespero e começo a remexer os documentos para entender a história completa. Segundo os arquivos, eu havia salvado a mesma jovem de ser atropelada anos antes, enquanto investigava outro caso não solucionado com a tecnologia promissora. Após esse episódio, de acordo com os arquivos, uma série de eventos trágicos ocorreu na minha vida e na da família da jovem, e eu, em um surto psicótico, acabei assassinando a jovem anos depois.

Corro para a sala onde, minutos antes, estava sentada com fios na cabeça — eu precisava voltar e me impedir de atirar. Sento na cadeira, ligo o computador, olho a tela e, quando aparece “10 de outubro de 2050, 20h45”, eu apenas aceito meu destino e entendo as palavras da minha eu do futuro durante a viagem ao passado: “Agora acabou.” Eu estava exatamente no dia e na hora da minha morte. Há 10 anos, eu acabara de apertar o gatilho e atirar na minha eu de agora, 10 anos mais velha.





APRESENTAMOS O CONTO LABORATÓRIO 7

POR PAULO LÜTKENHAUS

Paulo Lütkenhaus nasceu em Belo Horizonte. É mestre em Educação Profissional e Tecnológica. Guitarrista, fundou a banda de Heavy Metal "Sharp Blade", em 1998. No ano de 2004, editou o fanzine Rasgando o Verbo. Em 2018 e 2022, obteve o 1º lugar nos concursos de poesia promovidos pelo Instituto Federal de Minas Gerais. É escritor e autor do livro de contos sobrenaturais "Tesouros do Além" (Caravana Grupo Editorial), publicado em março de 2025. É fã dos escritores Edgar Allan Poe, Algernon Blackwood e H. P. Lovecraft.

Severino acabara de organizar as ferramentas, bem como todo o material de informática do setor. As CPUs antigas estavam todas enfileiradas nas prateleiras, com etiquetas devidamente identificadas, assim como os periféricos, ou seja, os teclados, mouses e webcams. Nas caixas, encontravam-se os alicates de crimpagem, testadores e conectores de cabos para Internet (RJ45) bem como outros equipamentos afins. Sentia-se feliz por completar, naquele dia, exatos 7 meses, desde que tomou posse no serviço federal como Técnico de Informática naquela instituição educacional renomada. Enfim, a estabilidade, depois de muito tempo de dedicação aos estudos para passar no concurso.

— Severino, dê um pulinho aqui, por favor — pediu Luciano, o chefe do setor de TI do campus.

— Pois não, Luciano, está precisando de mim? — indagou, gentilmente, Severino.

— Aproveite que a Internet do campus caiu e verifique as máquinas do laboratório 7. Ontem os estudantes se queixaram de teclados com problemas. Leve alguns do estoque e, se necessário, faça a substituição, por favor — pediu Luciano.

— Combinado, chefe — respondeu, prontamente, Severino.

O Técnico foi até o almoxarifado e separou 8 teclados, colocando-os em uma caixa, e então se reportou ao local. O prédio novo ficava a cerca de 80 metros, seria uma caminhada rápida. O relógio marcava 17h30, enquanto um belo espetáculo de matizes amarelo-alaranjados tingia o horizonte durante aquele belo crepúsculo.

Ao chegar, colocou a caixa em cima da mesa e começou a testar os computadores, individualmente. Poucas máquinas estavam com os teclados defeituosos. Quando foi mexer no computador 15, porém, uma coisa chamou sua atenção: a luz indicativa de Internet encontrava-se acesa. No entanto, ao olhar para os computadores das demais fileiras constatou que os demais permaneciam sem acesso à rede.

— Ai, caramba! Que diabo de trem é esse que está acontecendo? — disse Severino, em voz alta, ecoando pelo vazio da ampla sala que constituía o laboratório 7. — Eu vou é cascar fora daqui! — E saiu apressado, de volta para o setor de TI.

Apesar do que presenciara no laboratório 7, Severino preferiu não comentar nada com Luciano, pois seu chefe era muito brincalhão e, provavelmente, tiraria sarro da cara dele. “*Vou contar é pro meu amigo Pablo, ele vai gostar*”, pensou Severino consigo mesmo, lembrando-se do fato de que seu amigo estava escrevendo um livro sobre contos sobrenaturais, ocorridos em Minas Gerais, que ele conhecia.

No dia seguinte, durante o café da tarde, Severino relatou o caso para Pablo que, empolgado, respondeu:

— Cara, isso dá um conto, hein? Que tal “*Laboratório 7*”? — propôs Pablo, sorrindo.

— Esse trem está muito esquisito. Todo o campus sem Internet, enquanto o computador 15 estava com rede! Não sei, não! — respondeu Severino, coçando a cabeça preocupado.

— Não se preocupe, meu amigo, isso, certamente, é algum “*tilt*” — tentou explicar Pablo.

— O que eu sei é que essa história está muito esquisita — respondeu Severino, que era muito católico.

Os amigos conversaram mais um pouco e depois se despediram, retornando aos seus postos de trabalho. O assunto caiu no esquecimento. Três semanas após o ocorrido, em certa tarde de quarta-feira, com o tempo bastante fechado e chuvoso, a energia do campus caiu. Como as aulas foram suspensas, o Técnico de Informática decidiu, então, fechar os laboratórios e a porta do prédio novo.

Ao chegar ao local, Severino fechou, uma a uma, as portas dos laboratórios. Enquanto percorria os caminhos escuros dentro da construção, clareava a passagem com sua lanterninha do celular. Ao se aproximar do laboratório 7, começou a ficar receoso. “*Lá vou eu em direção a este danado laboratório 7, ai, Jesus!*”, pensou consigo mesmo.

Abriu, lentamente, a porta. Iluminou o espaço interno, um tanto quanto resabiado. Ao observar as fileiras de computadores desligados, um detalhe chamou, imediatamente, sua atenção, deixando-o atônito: a luz de energia do computador 15 estava ligada!

— Caramba! Isso não pode ser verdade! — disse alto Severino, coçando a nuca de modo nervoso.

Apesar do medo, resolveu se aproximar com cuidado, sempre observando ao redor. A sala estava completamente silenciosa, a não ser pelo som do *cooler* do computador, que consiste naquela ventoinha interna para resfriamento da máquina.

— Como diabos isso está ligado? — indagou alto Severino, como se estivesse conversando com alguém.

Tremendo de medo, Severino puxou a cadeira e se sentou. Mesmo estando receoso, decidiu apertar o botão que ligava a máquina. Percebeu, então, que o PC estava apenas em standby, ou seja, em modo de descanso. Apertou, pois, a tecla “*Enter*”.

Subitamente a tela ficou toda preta, na sequência, um símbolo vermelho brilhante apareceu pequenino, bem no centro e foi aumentando rapidamente de tamanho até ocupar toda a dimensão do visor. Não era possível, tratava-se de um pentagrama vermelho de ponta-cabeça, o mesmo utilizado em rituais de magia negra.

Severino estava em pânico, trêmulo, seus dentes batiam uns nos outros. Apesar de toda aquela situação macabra, não conseguia se mover, estava parado, estático, preso àquela cadeira, como se alguma força maligna oculta estivesse agindo sobre ele.

O pentagrama, então, começou a girar, lentamente, para o lado direito, aumentando pouco a pouco sua velocidade até chegar a uma rapidez absurda, enquanto mensagens em outras línguas e símbolos tenebrosos, provavelmente ligados a conhecimentos ocultos, apareciam ao seu redor. A frequência de luz foi aumentando de intensidade, um brilho vermelho começou a tomar toda a sala, piscando de forma estroboscópica. De repente, um clarão rubro tomou todo o ambiente, enquanto se ouve um grito no interior do recinto:

— Aaaahhhhhh!

Luciano havia chegado ao setor de TI naquela quinta-feira e não encontrou Severino. Achou estranho, pois o trabalhador sempre era pontual e assíduo. Decidiu verificar o WhatsApp, talvez houvesse alguma mensagem do Técnico. Nada! “*Isso está estranho*”, pensou. Após alguns instantes, perguntou a Pablo se ele sabia de algo.

— Uai, Luciano, que estranho. O Severino não fez nenhum contato comigo, não. E ele sempre tem o hábito de enviar alguma mensagem, praticamente todos os dias — respondeu Pablo, com preocupação. — Vou enviar uma mensagem no WhatsApp dele.

— Boa ideia! — respondeu Luciano.

A mensagem foi enviada para Severino pelo aplicativo de mensagens. Apesar dos minutos se passarem, não havia os dois risquinhos em formato de “V”, demonstrando, assim, que a mensagem não havia sido recebida. Na sequência, Pablo decidiu ligar para o amigo. Tudo mudo, nenhum sinal sonoro de linha.

— Vamos procurar por todo o campus — pediu Luciano.

— Vamos lá! — concordou Pablo.

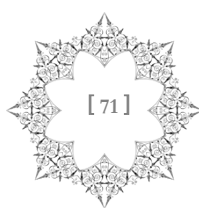
Passaram por todos os locais, cantina, cozinha, salas de aula, auditório, salas administrativas, gabinete da Direção-Geral, nada! Então começaram a visitar os laboratórios de informática, separadamente, até que, ao chegarem no laboratório 7, seus olhos se arregalaram de espanto ao avistarem o par de tênis de marca estrangeira de Severino embaixo da mesa do computador 15. O mais assustador é que os tênis estavam levemente chamuscados, embora não houvesse nenhum vestígio do Técnico de Informática, nem de algum incêndio que pudesse ter ocorrido na sala!

— Laboratório 7 — falou, baixinho, Pablo, abismado e pensativo sobre a história estranha que Severino havia lhe contado há algumas semanas. Lembrou ainda da proposta que havia feito, em tom de brincadeira, sobre escrever um conto sobrenatural com esse nome.

Luciano ouviu sem compreender direito o que Pablo disse e perguntou:

— O que você disse, Pablo?

— Nada, só estava pensando alto...





APRESENTAMOS O CONTO O CAFÉ DAS SOMBRAS

POR R.BOTTER

Rafael Botter é um nerd assumido, apaixonado por histórias que desafiam a imaginação. Leitor voraz, mergulha em livros como quem atravessa universos paralelos, sempre em busca de novas narrativas. Fã declarado de Stephen King, encontra no mestre do terror inspiração para suas próprias ideias. Seu amor pela leitura se reflete também em sua escrita, onde mistura emoção, intensidade e criatividade.

O sino preso à porta da cafeteria tilintou baixinho quando ele entrou, mas o som pareceu mais um suspiro metálico do que um aviso alegre. O aroma familiar de café moído misturava-se ao doce discreto de pão recém-assado, porém havia algo no ar — um frio quase imperceptível, como um sopro vindo do subsolo — formando uma névoa morna que abraçava os clientes com dedos invisíveis. As luzes amareladas pendiam do teto como pequenos sóis cansados, lançando sombras compridas sobre as mesas de madeira polida, sombras que pareciam respirar devagar.

Era um lugar comum, quase um refúgio, onde ele costumava buscar silêncio e rotina. Sentou-se na mesa de sempre, encostado à parede de tijolos aparentes, a única de onde podia ver a rua e, ao mesmo tempo, se esconder dela. Pediu, sem pensar, o café habitual — forte, sem açúcar. O garçom assentiu com um sorriso automático, desaparecendo para preparar o pedido.

Enquanto esperava, inspirou fundo. O calor do ambiente parecia segurar o mundo lá fora suspenso. A cafeteria era um pequeno casulo de normalidade, um lugar onde nada acontecia. Mas naquele instante, sem saber por quê, teve a estranha sensação de que algo — um detalhe invisível, um sussurro no ar — estava prestes a mudar.

A porta rangeu de novo, desta vez mais lenta, como se resistisse ao visitante. O sino não tilintou. Nenhum dos clientes ergueu os olhos. Apenas ele percebeu.

Um homem — se é que era um homem — entrou com passos suaves, quase deslizantes. Vestia um paletó escuro, fora de época, que parecia ter absorvido a luz ao longo de décadas. O rosto trazia um sorriso que não pertencia àquele momento, um arco de lábios educado demais, esticado demais, sem alma. Os olhos... não piscavam. Fixos, frios, tão imóveis que pareciam pintados. O ar, antes morno, esfriou ao redor. Um cheiro metálico, como ferro antigo, insinuou-se entre o aroma do café.

Sem pedir licença, sentou-se diante dele. A cadeira arrastou-se pelo chão com um som fino, como unha riscando vidro. O relógio na parede, atrás do estranho, parecia marcar o mesmo minuto pela terceira vez.

O garçom surgiu do nada com uma xícara fumegante e a pousou diante do visitante, sem trocar palavra. Um café forte, preto como breu. Mas ele não se lembrava de tê-lo ouvido fazer qualquer pedido.

Por um instante, achou que fosse coincidência — um cliente novo, um hábito incomum. Mas então percebeu: sua respiração falhava, lenta, como se cada inspiração

custasse mais esforço. Aquele não era um visitante qualquer. O espaço parecia se comprimir, as vozes ao redor viravam murmúrios indecifráveis, a música do rádio tropeçava em si mesma, repetindo notas adiantadas e atrasadas ao mesmo tempo.

E aquele sorriso continuava ali, imóvel.

Ele abriu a boca para falar algo — perguntar quem era, por que estava ali — mas o som não saiu. Apenas um sopro preso na garganta. O estranho, por outro lado, inclinou-se levemente para frente, repousando os dedos longos na mesa. Não havia anéis, não havia marcas. A pele parecia cera fria.

— Você sempre pede o mesmo café — disse o ser, a voz calma, tão baixa que parecia um sussurro dentro da mente dele. — Forte, sem açúcar. Desde a primeira vez que veio aqui, há seis anos.

Ele franziu o cenho. Nunca contara a ninguém sobre isso. Nunca. O coração acelerou.

— Você senta nessa mesa porque é a única de onde consegue ver a rua e, ao mesmo tempo, se esconder dela — continuou o ser. — Sempre evita contato visual com o garçom, mas hoje você hesitou. Está cansado.

A xícara diante dele tremia levemente. O café esfriava, formando um aro escuro na borda de porcelana. Um frio rastejava pelo chão, subindo-lhe pelas pernas.

— Como... como sabe disso? — conseguiu perguntar, a voz falhando.

O ser sorriu um pouco mais, o sorriso agora parecia esticar a pele como um tecido fino prestes a rasgar. — Eu sei do cheiro de mofo no seu quarto. Do esmalte que guardou de quem se foi. Do medo que você tem de dormir, porque teme não acordar. E sei do dia em que você quis não acordar — murmurou. — Eu sei de tudo o que você enterrou dentro de si, meu caro melhor amigo.

Aquela última palavra fez o estômago dele despencar. Não se lembrava de ter dito seu nome. Não se lembrava de já ter visto aquele rosto.

Ninguém na cafeteria parecia notar nada. O barulho de colheres continuava, mas distante, como eco vindo de um corredor comprido. O rádio antigo chiava, uma faixa repetida tocava sem fim. O tempo parecia dilatar.

O ser aproximou-se ainda mais, seus olhos fixos, profundos, tão imóveis que davam vertigem. — Não precisa fingir surpresa — murmurou, quase gentil. — Nós nos encontramos sempre. Você só nunca lembra.

Ele tentou se levantar, mas as pernas não responderam. Era como se estivesse preso, afundado na cadeira, o corpo cada vez mais pesado. Um arrepio percorreu-lhe a espinha, mas a pele parecia gelada demais para sentir.

O ser ergueu a xícara e bebeu um gole demorado, sem piscar. — E hoje... hoje você vai se lembrar.

O café diante dele já não fumegava. Um fio escuro escorria pela lateral da xícara, formando um círculo irregular na madeira da mesa, como se o líquido tivesse vontade própria. Ele tentou erguer a mão para limpar, mas os dedos pareciam mergulhados em chumbo. Cada movimento era uma batalha perdida antes de começar.

O murmúrio ao redor dissolvia-se em ruídos distantes. As vozes das outras mesas já não eram conversas — eram ecos sem boca, sons vazios repetindo fragmentos desconexos. O tilintar de xícaras transformara-se num gotejar lento, metálico, como água caindo num porão. Até o cheiro do café mudara: antes quente e reconfortante, agora lembrava ferrugem, terra molhada, algo antigo demais para ser nomeado.

Olhou para o relógio na parede. Os ponteiros estavam parados no mesmo minuto desde que o estranho chegara. O rádio chiava uma melodia inexistente, uma faixa que não terminava, um zumbido que se enroscava no cérebro como teia de aranha.

Tentou inspirar fundo, mas o ar parecia pesado, denso, mais frio a cada segundo. Era como respirar névoa. O ser à sua frente, porém, permanecia calmo, imóvel. Balançava a xícara entre os dedos longos como quem conduz um ritual silencioso.

— Está sentindo? — a voz veio baixa, porém nítida. — O tempo não é seu aqui. Nunca foi.

As palavras caíram sobre ele como pedras. Sua visão turvou, o mundo perdendo contornos. A parede de tijolos atrás do ser parecia ondular, como se fosse feita de tecido respirando. Uma sombra escura escorria da cadeira do estranho até o chão, movendo-se sozinha, independente, como um animal.

Quis levantar-se, mas os músculos não obedeciam. Era um prisioneiro dentro do próprio corpo. A xícara em sua frente vibrava levemente, o café formando pequenas ondas negras.

— Beba — disse o ser, sem mover os lábios. — Está esfriando.

Ele sentiu um arrepio rasgar-lhe a espinha, mas não sabia se era medo ou frio. Aquele lugar já não era a cafeteria. Era um espaço suspenso, uma dobra do mundo, um lugar onde o tempo não passava — ou passava apenas para ele.

O ser ergueu a própria xícara, sorvendo o líquido escuro com um prazer quase ritualístico. Seus olhos, imóveis, pareciam buracos por onde a luz desaparecia. — Falta pouco — sussurrou. — Falta muito pouco.

Então, lentamente, o estranho inclinou-se sobre a mesa. Seu sorriso abriu-se além do que era humano, mostrando dentes que não eram exatamente dentes, e sim fileiras de algo opaco, úmido, como conchas negras. — Você não lembra, mas sempre acaba aqui — disse. — Sempre no mesmo minuto. Sempre no mesmo café.

A sombra no chão agora subia pela mesa, escorrendo como tinta grossa, tocando os pés dele. Era gelada, como água de um poço profundo. Tentou gritar, mas sua voz foi engolida pelo som metálico que vinha de todos os lados.

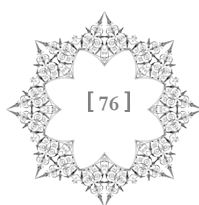
— Este é o último antes de você não acordar mais — sussurrou o ser.

As luzes amareladas piscaram, tornando-se manchas brancas, depois negras. O rádio explodiu num chiado agudo. O relógio na parede desfez-se num borrão. Ele sentiu um peso enorme puxá-lo para baixo, como se a cadeira fosse um abismo.

A xícara diante dele caiu da mesa e quebrou no chão. O café espalhou-se no piso com uma densidade impossível, grossa, viscosa, arrastando um cheiro de terra molhada e carne queimada, desenhando linhas na cerâmica como um mapa vivo. O silêncio que se seguiu não era silêncio — era a ausência de tudo.

E então, nada.

Mas em algum lugar, longe, ele sentiu ainda o gosto do café na boca. E, junto do som de uma cadeira arrastando-se sozinha no quarto, havia também o aroma do mesmo café, agora frio e amargo, impregnando o ar onde ele dormia.





APRESENTAMOS O CONTO O TEATRO DA MENTE

POR RAFAEL ALBUQUERQUE

Professor e escritor, formado em Letras, Autor de livros infantojuvenis, roteirista de teatro e cinema. Atua como consultor comercial e educacional para editoras, além de ser colunista e consultor de Língua Portuguesa em diversas rádios. Ministra formações para professores.

Criador e apresentador do podcast Papo de Professor, no canal Apoio ao Professor.

"A mente é o seu próprio lugar, e pode fazer do inferno um paraíso ou do paraíso um inferno."

— John Milton.

Ela já estava exaurida daquela rotina estafante. Cansada do infinito de cuidar da casa e dos filhos. Acordava antes do Sol, vestia as crianças, levava-as à escola e tratava de faxinar a casa. Isso acontecia todos os dias. Todos, menos aos domingos, quando, além de tudo, ainda cuidava do marido. Um caminhoneiro grosseiro, com um bigode cultivado há anos. Já ela, uma mulher que outrora fora portentosa, agora mal se lembrava de como era usar cosméticos. O auge de sua vaidade era uma depilação simples, feita entre os joelhos e os calcanhares. Aquela linda moça que se casara tão jovem dera lugar a uma mulher cansada, com marcas do tempo no rosto. Era, enfim, uma vida sofrida e comum.

Ainda assim, a doçura dela persistia, escondida por trás das rugas, dos olhos castanhos de ontem (de muito ontem) e de um amontoado de fios brancos no topo da cabeça. Mesmo assim, ela era incapaz de reclamar. Seus filhos davam trabalho, como toda criança dessas idades.

Ela os observava brincando na sala. O mais novo, com seus olhos vivos, tentava empilhar blocos de madeira enquanto o mais velho fingia ser um super-herói, pulando do sofá. Mesmo exausta, ela sorriu.

— Mamãe, olha o que eu fiz! — gritou o mais novo, apontando para sua construção instável.

— Está lindo, meu amor — respondeu ela, ajoelhando-se ao lado dele para endireitar um dos blocos.

Os dois riram juntos, enquanto o mais velho fazia questão de mostrar sua nova capa de toalha, dizendo:

— Eu sou o guardião da casa, mamãe. Ninguém vai nos machucar! O que mais a incomodava eram as mentiras que eles contavam. Às vezes, encontrava objetos fora do lugar, chamava os meninos e perguntava quem havia feito a bagunça. Eles permaneciam calados, com um medo quase mortal em responder, apenas a observando.

O tempo passou, e ela começou a se culpar pelo fato de o marido não a procurar mais durante as noites frias e longas. Tomada por culpa e desejo, chorava baixinho... Durante a semana, após deixar as crianças na escola, ela tinha a companhia de uma vizinha. Uma mulher negra, grande, sempre vestida com a mesma roupa e um lenço verde cobrindo os cabelos. Conversavam bastante. Era sua única amiga, a única que realmente a conhecia. Conhecia-a tanto que, às vezes, palavras não eram necessárias; bastava um olhar para saber o que acontecia com a jovem mãe.

Foi ela a primeira a notar que os olhos da mulher estavam mudando de cor. Antes castanhos, agora pareciam tingidos de vermelho. Principalmente quando começava a falar dos sonhos com o marido. O céu estava alaranjado naquele fim de outono quando a esposa do caminhoneiro confidenciou sua desconfiança. Contou que cheirava as roupas dele, inspecionava a carteira... Nunca encontrou nada, mas algo lhe dizia que devia continuar procurando. Ela contou tudo para a amiga, que, com um tom preocupado, lhe disse: — Seu marido não está traindo você. Olhe ao redor: sua vida está acabando, seus filhos estão estranhos, sua casa já não é mais a mesma. Você precisa olhar para si mesma. Isso é coisa de magia sombria... Não está vendo?

As palavras a contaminaram. A vizinha começou a falar em uma língua estranha, explicando que conhecia um terreiro onde poderiam pedir proteção. Ela frequentava e conhecia muito sobre o assunto. Mesmo com medo, a mulher decidiu ir. Naquela noite, sem coragem de dormir, ouvia a voz da amiga ecoando na mente: “Magia sombria...”. Então, ouviu um barulho vindo da cozinha. Correu para lá, mas não encontrou nada.

As noites ficavam cada vez mais longas, suas olheiras já eram permanentes no rosto. Chegou a ligar para a polícia várias vezes, mas os oficiais não davam mais atenção. Ela tinha certeza de que algo estava errado. Uma criatura pequena e vermelha parecia andar pela casa, escondendo-se nas sombras. Certo dia, viu-a claramente: olhos amarelos, chifres pequenos, dentes grandes e patas de bode. Uma criatura humanoide, bípede com aparência de um pequeno demônio. Horrorizada, gritou, e a criatura deixou cair um litro de leite ao fugir.

Finalmente, chegou o dia. O terreiro ficava em uma área afastada, cercado por árvores antigas e um cheiro de incenso pesado no ar. Mãe Loreta, uma mulher de presença imponente, sentada em um trono improvisado, tragava o cigarro como se

absorvesse a alma do ambiente. Ao avistar a jovem mãe, sorriu de forma estranha, um sorriso que não alcançava os olhos.

— Quem a trouxe aqui? — perguntou, com uma voz grave e arrastada.

— Eu — respondeu a vizinha. — Ela precisa de proteção.

Loreta levantou-se lentamente, fez alguns gestos com as mãos, murmurou palavras em uma língua que a jovem não reconhecia e, então, encarou-a diretamente.

— Há algo em sua casa... Algo que se alimenta do medo.

A jovem tentou agradecer, mas Loreta já havia se virado, murmurando:

— Vá antes que seja tarde.

Ao chegar, a vizinha, que sempre foi seu porto seguro, entregou-lhe o lenço verde: — Use isso. A Mãe Loreta disse que vai protegê-la, especialmente à noite.

Naquela noite, mais barulhos. Mas desta vez, ela se sentiu corajosa. Colocou o lenço e foi até a cozinha. Lá, viu novamente a criatura. Pequena, mas horrível, ela estava abrindo a geladeira. Tomada pela raiva e pelo medo, pegou um cutelo da bancada e atacou. Esquartejou-a, mas logo percebeu que não estava sozinha. Correu para o quarto dos filhos, mas encontrou outra criatura maior, com olhos que pareciam dizer: “Eu devorei seus filhos.”

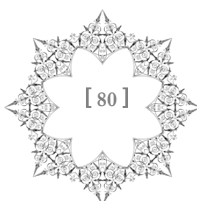
Desta vez, a raiva a dominou por completo. Esqueceu o cutelo e atacou com os próprios dentes. Quando os policiais chegaram, encontraram-na coberta de sangue. Ela gritava:

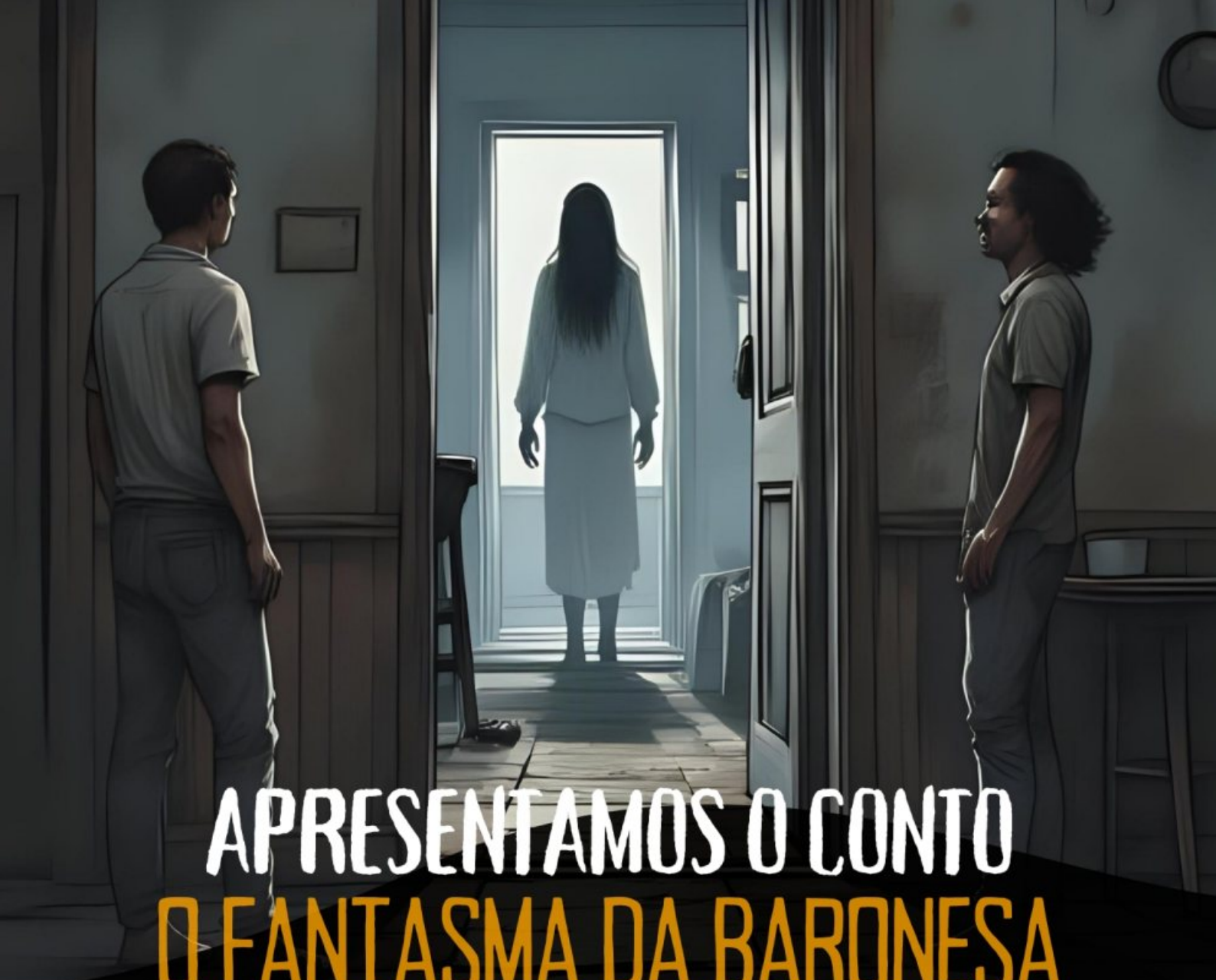
— Eu avisei! Eu avisei! Eles estavam aqui! Eu perdi meus filhos por causa de vocês!

Os policiais, atônitos, a levaram para a delegacia. Mais tarde, foi internada em um hospital psiquiátrico. Seu marido a visitava. Sempre que saía, ouvia as enfermeiras sussurrarem:

— Esse é o marido daquela mulher que matou os próprios filhos...

Ao sair do hospital, com o rosto sombrio, ele atravessou os portões, tirou um patuá do bolso, apertou-o com força e, por um instante, um sorriso sombrio cruzou seu rosto antes de desaparecer na noite.



An illustration of a dimly lit room with wood-paneled walls. Two men stand on either side of a doorway, looking at a woman who is standing with her back to them in the bright light of the doorway. The woman has long dark hair and is wearing a light-colored dress. The scene is atmospheric and mysterious.

APRESENTAMOS O CONTO O FANTASMA DA BARONESA

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de trezentas e noventa e quatro antologias. Escreveu: "Limbographia", "Cinza no Céu", "Era Uma Vez Um Outono", "A Voz do Oceano" etc.
E-mail: schimaroberto@gmail.com

Cada época parece apresentar uma ou mais característica específica — um modismo — pela qual será lembrada no futuro. Os tempos atuais vêm sendo marcados pela Internet, *smartphones* e as rotuladas "mídias sociais". A Ciência e a tecnologia disponibilizaram ao populacho meios poderosos não só para a comunicação, mas para a difusão da cultura. Paradoxalmente, porém, houve um declínio acentuado de ambos os aspectos em comparação a gerações anteriores. Há uma profusão e glamourização da ignorância e da desinformação; e as pessoas não estão interessadas em se comunicar: elas querem se aparecer.

Dentro desse espírito (de porco) e dessa vã filosofia, surge a exploração urbana de imóveis abandonados. Em troca de "curtidas", novos "inscritos" e, quem sabe, uma rentável monetização, moças e rapazes se arriscam em lugares insalubres não apenas para mostrar seu interior como demonstrar coragem, aventando a possibilidade de serem mal assombrados. Se não forem, fabricam situações, fazem teatro de medinho, improvisam sustos com fios de *nylon*, lençóis, ventiladores, manequins e o que mais a imaginação puder inventar... Tudo por um *like*!

Zé Panaca é um desses sujeitos.

Para demonstrar o quão macho é ou o quão interessantes são seus vídeos, envereda-se por fábricas falidas, casebres desolados ou hotéis em ruínas, de preferência à noite a fim de provocar maior dose de emoção.

Certa feita, fica sabendo a respeito de uma mansão do tempo dos barões do café que está às moscas e onde, segundo boatos, escutam-se ruídos misteriosos, passos ou vozes. Por vezes, vultos são avistados entre as sombras.

— Mas fica no &% do mundo, Zé — queixa-se Otávio, seu companheiro de incursões, sócio e responsável pelas filmagens. — Vamos torrar os tubos em gasolina e pedágios.

— Temos vídeos com mais de cem mil visualizações. Começamos a ser monetizados e já tem firmas querendo pagar para eu fazer propaganda. A grana vai rolar, Otávio! Gastamos um tanto agora para recuperarmos dez vezes depois.

— Levará a boneca?

— Claro! Será perfeita. Já tenho até o título do vídeo: "O Fantasma da Baronesa". Legal, né? Um lençol branco, uma peruca comprida e preta, você filmando o manequim a distância, uma névoa esbranquiçada e eu puxando os braços com a linha... Virará *meme*!

Otávio hesita, contudo, pergunta:

— E quanto às histórias em torno do lugar?

— Assombração? Me poupe! Somos nós que inventamos as aparições. Mas, se aparecer alguma, melhor ainda. Só não venha cobrar cachê depois!

Otávio tenta rir, mas não encontra a graça.

A dita mansão está um caco. Fica no cume de uma colina, quase completamente imersa no matagal. Por sorte, há uma estradinha esburacada ziguezagueando até lá. Seria péssimo ter de abrir uma picada, ainda mais à noite.

Porém, se durante o dia a mata fechada e a floresta têm sua beleza devido ao apelo da natureza; após o crepúsculo, tornam-se tenebrosas e evocam temores ancestrais.

— Que barulho foi esse? — geme Otávio.

— Sei lá. Uma capivara talvez. Ei, cuidado para não deixar a lanterna cair!

— Devíamos continuar a trabalhar na cidade.

— E deixar outro *youtuber* passar a perna na gente? De jeito nenhum. Continue!

A velha mansão faz jus a sua reputação. É um vulto decrepito e imponente a se destacar sob o luar. Janelas de olhos vazados e o sorriso banguela de um gradil enferrujado.

Começam a filmar a partir do lado de fora, diante da fachada.

Otávio ajeita a câmera japonesa no tripé. De soslaio, tem a impressão de avistar um vulto esbranquiçado no interior da construção. Ilumina a sala com a poderosa lanterna de 30000 lumens. Observa através do *zoom* da câmera, porém, nada vê além de quadros tortos.

— O que foi? — pergunta Zé Panaca.

— Nada não. Tô vendo coisas.

— Relaxa, cê tá sugestionado. Vamos começar. Não esquece o manequim.

A filmagem tem início e é como das outras vezes.

Zé Panaca se finge de amedrontado — uma espécie de *Indiana Jones* de cueca cheia — e narra um histórico escabroso da construção, baseado em informações colhidas na Internet. Acrescenta detalhes horripilantes inventados de improviso. Percorre recantos sinistros, paredes descascadas, escombros úmidos, detritos fedorentos, vidros estilhaçados, mobiliários quebrados. Qualquer ruído — real, imaginário ou inventado — é atribuído a forças do além. O K2 pisca feito doido, denunciando a presença de fantasmas.

O *spirit box* faz ouvir, além de chiados, vozes do além-túmulo que somente ele consegue interpretar.

No final de um corredor no pavimento superior, acontecerá o clímax.

O manequim de mulher será preparado como se fosse uma aparição sobrenatural. Haverá uma nuvem de talco obstruindo a visão e, quando for dissipada por um pequeno ventilador à pilha, o espectro surgirá e, através de fios de *nylon*, moverá os braços para maior impacto. Ato contínuo, tanto o Zé Panaca quanto Otávio fugirão dali aos berros, a câmera filmando a correria trôpega e barulhenta. E fim. Um vídeo *viral* a caminho, muitas curtidas, mais inscritos e bastante comentários. Grana garantida!

Enquanto Zé Panaca monta o manequim, Otávio, no extremo oposto do corredor, ajeita os equipamentos. De súbito, conforme ocorreu do lado externo da mansão, este vê algo perto do sócio. Espreme os olhos. É como se, em vez de um, houvesse dois manequins em trajes brancos. Esfrega a vista. A impressão persiste. Decide observar através da lente da câmera. Intrigado, avista apenas o amigo a terminar de ajeitar a cabeleira preta no manequim e, em seguida, jogar para o alto um punhado de talco e retornar correndo.

— Pronto, Otávio, comece a rodar!

Tomado por um calafrio anormal, Otávio obedece. De olho na câmera, direciona o fecho da lanterna. Vê o sócio se fingir de apavorado, enquanto é envolvido pela bruma branca. Gira a cabeça de um lado a outro na medida que segue pelo corredor. Então, no momento oportuno, seu pé toca no fio estendido transversalmente, o qual aciona o pequeno ventilador. O vento espaventa o talco e faz visível o "fantasma" mais adiante. Zé Panaca berra, dá um pulo para trás, simula tropeçar e cair de traseiro no chão. Outros fios são movidos, fazem o manequim erguer os braços. Chega o momento em que irá se levantar e gritar para que fujam dali. As imagens na câmera tremerão tanto quanto no filme "A Bruxa de Blair"¹ e ela desligará abruptamente.

Todavia, o *script* cai por terra.

Ainda de olho na câmera, Otávio vê o amigo erguer-se do chão e ficar em pé feito um títere. A cabeça vira de lado, o corpo estremece e os braços tornam-se rígidos. A seguir, o corpo flutua cerca de meio metro acima do chão...

... *FLUTUA????!!*

¹ *The Blair Witch Project*, Eduardo Sánchez & Daniel Myrick, 1999.

Desgrudando os olhos do visor, Otávio sente dificuldade em delinear a cena, seu cérebro se recusa a acreditar.

A coisa que viu na sala da mansão há um minuto atrás ressurge e de mãos presas ao pescoço de Zé Panaca, ergue-o sem esforço. Basta um chacoalhão para que o som de ossos partidos seja ouvido.

— Zé! — chama em vão.

O cadáver desaba feito um saco de batatas.

Sem conseguir pensar em nada, ainda agarrado à câmera e à lanterna, Otávio dá um salto e corre escadaria abaixo, não tropeçando por um milagre. Mas milagre algum pode salvá-lo. Lá embaixo, aguardando-o, está o mesmo espectro de cabelos compridos e pretos, faces pálidas e trajes de linho. Como conseguiu? Seus lábios manchados de vermelho escancaram-se num esgar demoníaco a exhibir os dentes enormes e aguçados.

Sangue é o seu cachê.

Certamente, o vídeo bateria qualquer recorde de visualizações. Entrementes, jamais chegará a ser exibido. E, ainda que o fosse, exceto pela levitação de Zé Panaca, nenhuma imagem da vampira registrou.

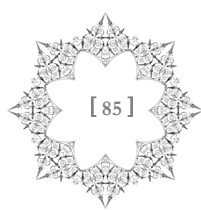
A criatura bem alimentada limpa os vestígios dos visitantes, dá fim aos instrumentos e, em seu recanto predileto, torna a esperar e esperar por novos curiosos.

Em um mundo tecnológico dominado pela rede de computadores, transbordante de irrelevâncias, no qual a vida privada se transformou na privada da vida, em vez d' O *Fantasma da Baronesa* se arriscar a caçar a comida, agora a comida chega até ela:

Desejosa de novos inscritos.

Ansiosa por se aparecer.

Louca por um *like*!





APRESENTAMOS O CONTO

PORTAIS DA NOITE – ASSOMBRAÇÕES DE BELÉM

POR ROSA DA TERRA

Terezinha do Socorro Reis Rosa, conhecida pelo pseudônimo Rosa da Terra, é pedagoga, artista plástica e escritora paraense. Apaixonada pela arte desde a infância, encontrou na literatura e na pintura formas de expressar memórias, sentimentos e sonhos. Sua escrita transita entre poesia, contos e crônicas, com destaque para temas amazônicos, culturais e de superação pessoal. Participa ativamente de antologias literárias e concursos, levando sua voz a novos leitores.

Prólogo – A Hora dos Portais

Era noite de segunda virando terça, primeiro de setembro. A cidade dormia sob o peso da umidade, e eu também deveria estar em sono profundo. Mas despertei. O silêncio do quarto era cortado apenas pelo pulsar do relógio.

Olhei a tela do telefone: 00h11. Um frio correu pela espinha. Parecia um sinal, uma senha. Fechei os olhos de novo, mas não houve descanso.

Voltei a acordar: 01h10. O coração acelerou. Era como se alguém me chamasse pelo nome, mesmo sem voz. Mais uma vez tentei ignorar. Em vão.

A terceira vez foi definitiva. A tela brilhava: 01h11. E eu compreendi que não era acaso. Aqueles números repetidos eram como um portal aberto diante de mim. As horas não eram apenas horas — eram vozes do tempo, pedidos de passagem.

Então imagens antigas vieram com violência: o cemitério, o homem de branco estendendo o chapéu, as crianças de olhos profundos. Vi também a mulher gótica, alta, de cabelos negros, que me olhava das sombras como se fosse eu mesma em outra forma.

E as ruas de Belém, com sua névoa, seus templos, seus hospitais, suas histórias esquecidas, surgiram diante de mim, clamando para serem contadas.

Entendi: não era apenas insônia. Era chamado. A madrugada me empurrava para dentro de lembranças e visões, abrindo as portas de um mundo que sempre esteve diante de mim.

As assombrações da cidade não pediam mais silêncio. Queriam voz.

E ali, naquela hora morta, eu aceitei. Se Belém é feita de luz e festa, também é feita de sombras e mistérios. Em noites sóbrias, elas rondam entre passos e sussurros, vigiando aqueles de alma sensível, lembrando que ainda estão por lá.

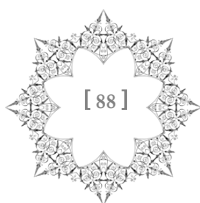
Assim foi o encontro com a mulher gótica. A primeira vez, numa rua fria, envolta em névoa. Meus passos ecoavam apressados, e atrás de mim outros passos se arrastavam. Quando olhei, havia apenas sombras. Mas logo ela se revelou: alta, de cabelos negros lisos, vestida em roupas góticas. A maquiagem carregada marcava um rosto que era e não era o meu.

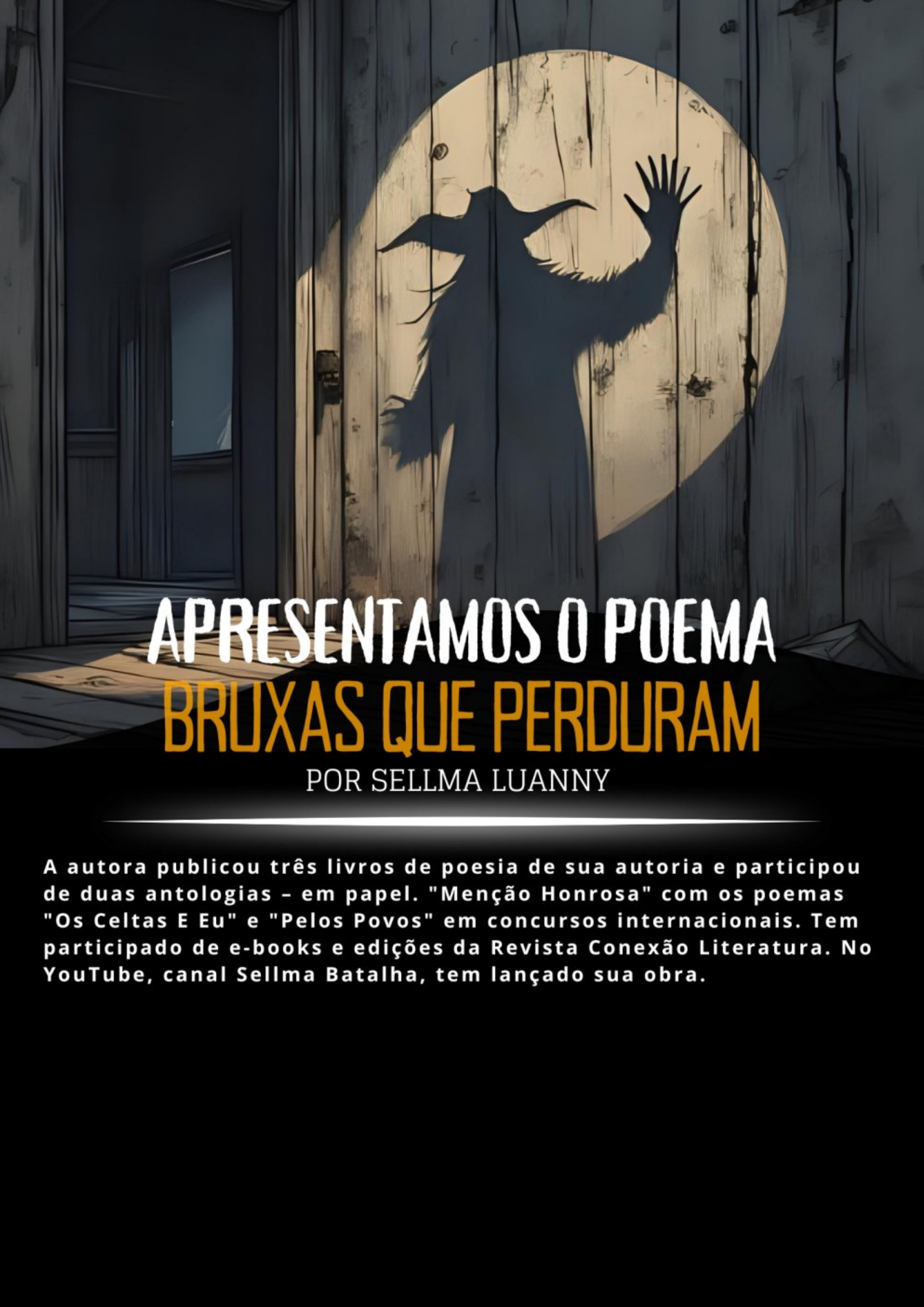
Não pediu nada, não estendeu a mão. Apenas me encarou e sorriu, como quem guarda um segredo.

Naquele instante, compreendi: ela era uma parte de mim que nunca havia deixado emergir, a narradora oculta, a guardiã das histórias que os vivos não ousam contar.

Se o homem de branco era o medo que me perseguia desde a infância, a mulher gótica era a coragem que nascia agora, adulta, para guiar minhas palavras.

Entre eles dois, descobri meu destino: abrir o portal das assombrações de Belém e transformá-las em voz.





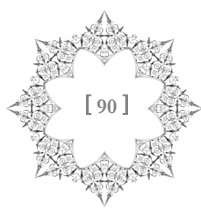
APRESENTAMOS O POEMA BRUXAS QUE PERDURAM

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

A nós, circundam...
como a proteger a fonte...
Sem o consumo e o estímulo...
sem o mal que nos habita...
nada são!

E nós somos o meio e o caminho...
- quando não as elaboramos...
de sombras, futricas,
inveja, desonra... E com
uma máscara as revestimos.





APRESENTAMOS O CONTO PÂNICO

POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Era um centro universitário do tipo "campus", longe da agitação da cidade, com vários departamentos, salas de reunião e demais infraestruturas de apoio.

E naquela hora, estava sem atividades aparentes e quase vazio.

Ana que fora para um seminário, chegara tarde e não encontrou nem banheiro público onde pudesse se aliviar.

Depois do término do evento, num corredor, levou bronca de uma professora que estava de saída e não aceitava alguém "de fora", perdida no coração do seu departamento.

Na área externa do "campus", final de tarde de um final de semana, nem sinal de transporte. Teria que andar muito e ter sorte de encontrar táxi ou ônibus que a levasse de volta à cidade.

Mas, por fortuito encontro, Ana deu de cara com o carro da tal professora saindo com mais três pessoas. E vendo a sua situação, indo na mesma direção, a professora ofereceu-lhe carona.

A meio caminho, com um pequeno problema no carro e anoitecendo, decidiram parar num bar-restaurant e sabe-se lá o quê mais. O interior era enorme e tinha muita gente. E pasmem, havia alguns fumantes lá dentro.

Por isso, Ana e mais uns poucos ficaram do lado de fora.

De repente, as únicas duas portas de entrada, pequenas e opostas uma à outra - a frente do prédio era triangular - foram fechadas.

Ana e os demais do lado de fora, acharam muito estranho, mas ficaram à espera de que abrissem.

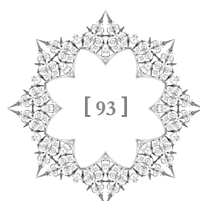
Como não foram abertas cerca de 15 minutos depois e o barulho lá dentro foi diminuindo, Ana e os outros começaram a tentar abrir uma das portas, que após enorme esforço, conseguiram.

E para seu espanto e terror, as pessoas no interior do bar estavam desmaiadas ou desorientadas.

Ana e os colegas de arrombamento tiraram algumas pessoas que ainda podiam andar, inclusive a professora. Não havia tempo para conjecturar as causas daquele incidente - ou tentativa de alguma coisa?

Isso era caso para a polícia - que acabara de ser chamada por eles.

E "pé na tábua". Começaram a correr rumo à cidade, o mais rápido que podiam – salve-se quem puder!



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI